



# CHICA LERA:

A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS  
E A LUTA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU NO PIAUÍ

FRANCISCA RODRIGUES DOS SANTOS

## CONSELHO EDITORIAL

**Otávio Velho** – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

**Dina Picotti** – Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina

**Henri Acserald** – IPPUR –UFRJ, Brasil

**Charles Hale** – University of Texas at Austin, Estados Unidos

**João Pacheco de Oliveira** – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

**Rosa Elizabeth Acevedo Marin** – NAEA/UFPA, Brasil

**José Sérgio Leite Lopes** – PPGA-MNU/UFRJ, Brasil

**Aurélio Vianna** – Fundação Ford, Brasil

**Sérgio Costa** – LAI FU, Berlim, Alemanha

**Alfredo Wagner Berno de Almeida** – CESTU/UEA, Brasil

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Ana Pizarro** – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

**Claudia Patricia Puerta Silva** – Professora Associada – Departamento de Antropologia – Facultad de Ciências Sociales y Humanas – Universidad de Antioquia

**Zulay Poggi** – Professora do Centro de Estudios de Desarrollo – CENDES – Universidad Central de Venezuela

**Maria Backhouse** – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie – FriedrichSchiller-Universitätjena

**Germán Palacios** – Professor Titular – Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia – Honorary fellow, University of Wisconsin-Madison

**Roberto Malighetti** – Professor de Antropologia Cultural – Departamento de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de Milano-Bicocca

FRANCISCA RODRIGUES DOS SANTOS

# **CHICA LERA:**

**A HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A LUTA  
DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO PIAUÍ**

Manaus - Amazonas  
2019

@ PNCSA, 2019

### **Editor**

Alfredo Wagner Berno de Almeida (PNCSA/UEA/UEMA)

### **Organizadoras**

Carmen Lúcia Silva Lima (PNCSA/PPGANT UFPI)

Arydimar Vasconcelos Gaioso (GESEA/PNCSA/UEMA)

### **Equipe de pesquisa**

Antônio Alex Rodrigues dos Santos (Neto de Chica Lera)

Arydimar Vasconcelos Gaioso (GESEA/PNCSA/UEMA)

Carmen Lúcia Silva Lima (PNCSA/PPGANT UFPI)

Francisca Rodrigues dos Santos (Chica Lera)

Helena Gomes da Silva (MIQCB - Regional Piauí)

Jucelino Silva Castro (MIQCB - Regional Piauí)

Sandra Silva Cardoso (MIQCB - Regional Piauí)

### **Fotografia**

Aline Barros, ASCOM, Arquivo da Secretaria de Desenvolvimento Rural – SDR, Arquivo pessoal de Chica Lera, Chico Museu, Diário do Longá, Francisco Leal, Jornalesp, Laboratório do PNCSA/UFPI, MIQCB, MIQCB Regional Piauí, Portal Visão Piauí, PT Esperantina, Raoni Barbosa - Cidade Verde, Revista AZ, SESC Tocantins e Terra de Boa Esperança.

### **Transcrição de áudios**

Samara Fernanda da Silva Felismino (GESEA/UEMA)

Emmanuele Vale Silva (GESEA/UEMA)

Beatriz Alzira Gaioso Barros (GESEA)

Milena dos Reis Rabelo (PNCSA UFPI/ BOLSISTA CLUA)

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Marcela Costa de Souza

## Ficha Catalográfica

Santos, Francisca Rodrigues dos.

S237c Chica Lera: a história dos movimentos sociais e a luta das Quebradeiras de coco babaçu no Piauí/ Organizado por Carmen Lúcia Silva Lima & Arydimar Vasconcelos Gaioso; Edição de Alfredo Wagner Berno de Almeida. - 1. Ed. - Manaus: UEA Edições/ PNCSA, 2019.

121 p.: il. (Narrativas das Quebradeiras de Côco Babaçu, n. 3)

ISBN: 978-85-

1. Quebradeira de coco. 2. Babaçu. 3. Conflitos sociais. I. Título.

CDU 304: 316.3

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

UEA - Edifício Professor  
Samuel Benchimol  
Rua Leonardo Malcher, 1728  
Centro - Manaus, AM  
Cep.: 69010-170

E-mails:  
pncaa.uea@gmail.com  
pnca.ufam@yahoo.com.br  
www.novacartografiasocial.com  
Fone: (92) 3878-4412  
(92) 3232-8423

UEMA- Endereço: Largo  
Cidade Universitária Paulo  
VI, 3801 - Tirirical, São  
Luís - MA, 65055-000  
Fone:(98) 3244-0915





**Chica Lera. Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Dona Chica Lera quebrando coco babaçu.  
Foto: Arquivo MIQCB - Regional Piauí**



# SUMÁRIO

Apresentação .....	9
Prefácio .....	13
O nascimento e a infância .....	22
A juventude e o casamento .....	27
A família .....	32
Eu fui aprendendo com o movimento .....	34
O padre Ladislau e a luta pela terra .....	41
As ameaças do fazendeiro .....	46
A conquista da terra e dos assentamentos .....	50
O direito a gente só adquire na luta .....	62
Atuação na política .....	65
Território e identidade das quebradeiras de coco babaçu .....	71
A valorização do babaçu vem da organização e da conscientização das mulheres .....	76
Diálogos com as quebradeiras do Cerrado piauiense .....	78
O agronegócio vai tirar o sustento das pessoas .....	83
A Lei do Babaçu Livre .....	85
Mata esse bicho, que o bicho quer te matar .....	88
Precisa ter a coragem de enfrentar .....	91
Preocupação com a juventude e as crianças .....	94
As Encantadeiras .....	98
O abraço do Lula presidente .....	102

A Economia do Babaçu .....	103
O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB .....	107
Na universidade: “eu estou aqui para mostrar a minha sabedoria” .....	112
Não temos que deixar a nossa tradição .....	115
A parceria com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia .....	118

# APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO “NARRATIVAS DAS QUEBRADEIRAS DE CÔCO BABAÇU”

*Alfredo Wagner Berno de Almeida<sup>1</sup>*

A Coleção ora apresentada, soma-se ao esforço classificatório de pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) e pesquisadores convidados no sentido de compor diversas coleções de livros em que membros de diferentes unidades sociais, designadas como povos e comunidades tradicionais, descrevem eles mesmos suas próprias experiências de luta, em situações de conflito social, nas quais reivindicam seus direitos territoriais e suas expressões identitárias. Consistem em relatos, obtidos através de entrevistas realizadas com membros de comunidades tradicionais, que detêm critérios de competência e saber para descrever a trajetória de sua respectiva unidade social. Os trabalhos de mais de três décadas de pesquisadores do PNCSA em comunidades de quebradeiras de côco babaçu facultaram condições de confiabilidade mútua para a obtenção de narrativas mais detidas e aprofundadas. Os pesquisadores lançaram mão de técnicas de observação direta, características da pesquisa etnográfica, e de recursos intrínsecos às histórias de vida, obtendo relatos que não só nos convidam a novas formas de pensar as relações políticas e os laços de solidariedade que fundamentam identidades coletivas, mas também a própria noção de política. A

---

<sup>1</sup> Antropólogo. Professor do PPGCSPA/UEMA. Pesquisador CNPq.

utilização de recursos fotográficos também faz parte dos instrumentos de pesquisa. Neste sentido pode-se asseverar que esta coleção faz par com aquelas concernentes às “Narrativas Quilombolas” e às “Narrativas Indígenas”. Daí o texto geral de apresentação ser praticamente o mesmo.

O livro que abre esta Coleção refere-se à história de vida de Dona Maria Querubina Neta, de Imperatriz, Estado do Maranhão. O segundo volume concerne às narrativas de Dona Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira, de São João do Araguaia, Estado do Pará. O terceiro volume, ora apresentado, refere-se às narrativas de Dona Francisca Rodrigues dos Santos, mais conhecida como “Chica Lera”, nascida no lugar chamado Trapiá, em Buriti dos Lopes, Estado do Piauí. Todas elas participaram diretamente da fundação do MIQCB, contribuindo para tornar as quebradeiras de coco babaçu uma categoria política, com interesses bem delineados e com capacidade e autonomia para mediar o encaminhamento de suas próprias reivindicações. Estes livros que compõem esta Coleção se inscrevem num gênero literário peculiar, concernente a narrativas que privilegiam o uso da palavra através da linguagem autorizada e direta das próprias agentes sociais que se autodesignam como quebradeiras de coco babaçu. Tal linguagem expressa condições de eficácia de um discurso ritual, que tanto propicia meios para uma leitura crítica dos significados de “tradição”, quanto estabelece uma clivagem nas interpretações histórica a ela referidas.

A posse efetiva das terras pelas quebradeiras de coco babaçu e suas unidades familiares torna-se um marco distintivo da autonomia de seus povoados, porque representa a evidência – quando também se trata de quilombolas – de que os antigos engenhos e fazendas não possuem mais condições de possibilidades de efetivamente existirem, ao mesmo tempo que comprova a eficácia na gestão dos recursos das famílias que aí decidiram ficar. A forma esquelética do que foram as edificações elementares das fazendas, publicamente exposta e constatável por uma arqueologia de superfície, sem qualquer necessidade de escavações, concorre para atestar isso. Lado a lado

com a vida cotidiana das comunidades, essas ossaturas dos engenhos e fazendas de gado certificam o longo tempo de existência delas. A datação das ruínas dos engenhos e dos “sobrados”, designação usual das casas-grande ou sede das antigas fazendas, aqui equivale ao reconhecimento da ancienidade da ocupação tradicional das comunidades remanescentes de quilombos e consiste no correspondente ideal de sua certidão de nascimento. Os empreendimentos dos agronegócios e de empresas mineradoras que hoje se expandem por esta região ecológica dos babaçuais, desmatam para plantar eucalipto, montar pastagens artificiais, plantar soja e construir extensos gasodutos. Nas próprias narrativas das mulheres que lideram o movimento das quebradeiras de coco babaçu a sua identidade coletiva se afirma e se consolida neste processo de oposição sistemática de seus antagonistas históricos, que apenas mudam de roupagem, empregando agora tecnologias mais avançadas de exploração dos recursos naturais. Assim, a maior parte dos 26 milhões de hectares correspondentes aos babaçuais distribuídos pelos Estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí até hoje não foram titulados e permanecem intrusados por cercas eletrificadas e por rebanhos bovinos e bubalinos, que devastam os campos naturais da Baixada Maranhense, que destruíram completamente o chamado “Polígono dos Castanhais”, no Pará, e as florestas ombrófilas, do Bico do Papagaio (IO), e que devastam no momento atual as terras planas e aráveis do cerrado piauiense. A referência a este total de hectares refere-se não a regiões de incidência de babaçuais, cujo total de hectares é certamente superior, mas a regiões onde foram registradas in loco, a partir de trabalho de campo realizado entre os anos de 2014 e 2017, atividades de coleta e quebra, por unidades de trabalho familiar<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Para maiores esclarecimentos consulte-se os materiais do Projeto Nova Cartografia Social dos Babaçuais. Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu. Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia. UEMA. São Luís, 2014-2017. Este projeto coordenado pela Profa. Jurandir Novaes foi financiado pela Fundação Ford.

A luta de dona Francisca Lera perpassa, portanto, os limites do Piauí e isto me leva a convidá-los à leitura deste livro que evidencia a dubiedade dos atos de Estado, que procrastinam a titulação das terras das quebradeiras de coco babaçu, expondo as comunidades e suas lideranças à violência dos interesses que visam usurpar suas terras e se apropriar ilegalmente dos resultados de sua produção. Boa leitura!



# PREFÁCIO

## CHICA LERA: A TRAJETÓRIA E A LUTA DE UMA MÃE PALMEIRA

Carmen Lúcia Silva Lima<sup>3</sup>  
Arydimar Vasconcelos Gaioso<sup>4</sup>

Bons sentimentos tomaram conta de nós ao longo da realização deste trabalho. Quem conhece Francisca Rodrigues dos Santos, nossa querida Chica Lera, deve imaginar como é difícil não se emocionar ao escutar, ler e analisar as suas histórias e os depoimentos sobre ela. Considerando as angústias e as incertezas que nos envolvem diante da atual conjuntura do nosso país, conhecer a trajetória de vida e a luta desta mulher é um sinal de esperança que nos impulsiona para a resistência e o enfrentamento de todos os desafios que colocam em risco a vida e os direitos dos povos e comunidades tradicionais. O dever de seguir em frente foi bem expresso por uma de suas companheiras do MIQCB da Baixada Maranhense: “Às vezes eu acho que já estou velha para essa luta, eu digo que vou largar essa luta. Aí eu lembro que eu não posso fazer isso, seria muita vergonha, pois a dona Chica Lera está lá fazendo história, está na luta” (Rosa, Coordenadora do MIQCB, Baixada Maranhense).

---

<sup>3</sup> Antropóloga. Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e pesquisadora do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA).

<sup>4</sup> Antropóloga. Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e pesquisadora do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA).

A resistência desta guerreira nos obriga a seguir em frente, a não desanimar e jamais desistir.

Ao ler esta publicação, os leitores entenderão a importância de publicar os feitos de dona Francisca e compreenderão a relevância da iniciativa do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) de possibilitar aos povos e comunidades tradicionais, através das falas de seus membros, narrar as suas lutas empreendidas em meio a conflitos socioambientais que ameaçam a sua existência. Poderíamos pensar que o mérito da coleção “Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu”, assim como o das coleções “Narrativas Quilombolas” e “Narrativas Indígenas”, publicadas pelo PNCSA seria reconhecer o *lugar de fala*<sup>5</sup> de cada autor/a e das coletividades que integram, propiciando a restituição da humanidade que muitas vezes tem sido negada na medida em que suas vozes têm sido silenciadas. Esta pode ser uma conquista importante, mas acreditamos que as narrativas de dona Chica Lera nos permitem ir além, pois elas representam a recusa a todo e qualquer enquadramento. Nesse sentido, ultrapassamos os limites da narrativa e chegamos à ação política, ou seja, com a sua atuação, ela nos mostra a prática e os caminhos da construção de um processo de mobilização social pautado na existência de múltiplas identidades coletivas e reivindicações territoriais. As ações de nossa protagonista revelam a superação dos limites e atestam muita determinação mesmo diante da falta de apoio, das ameaças dos fazendeiros, dos ataques da polícia, da prisão dos companheiros e, mais recentemente, do peso da idade.

A consciência de que o referido processo foi edificado coletivamente, fez com que nossa autora optasse por compartilhar esta obra com outras vozes parceiras. O convite foi lançado por ela e um mutirão se constituiu em resposta, resultando em um belo processo de aquisição de dados e partilha de depoimentos caracterizados pela cumplicidade e camaradagem de quem

---

<sup>5</sup> RIBEIRO, Djamilia. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

junto viveu os episódios relatados. Contemplar e fazer parte deste processo tornou a atividade de organização do livro uma experiência gratificante que marca a nossa atuação enquanto pesquisadoras do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

Ao recebermos o encargo da organização deste livro, o primeiro procedimento foi a realização de uma reunião em Esperantina, sede do MIQCB no Piauí, em 02 de março de 2019. Nesta ocasião percebemos a alegria e o compromisso de dona Chica Lera com a ideia do livro. Para este momento, ela veio munida com uma pasta cheia de documentos e fotografias, já tinha contribuições para apresentar. O protagonismo da nossa homenageada e das companheiras do MIQCB revelou a disposição de participar ativamente nesta empreitada. O diálogo que estabelecemos evidenciou a existência de um princípio que deveria reger esta publicação. Optamos por manifestá-lo no título desta obra: *Chica Lera: a história dos movimentos sociais e a luta das quebradeiras de coco babaçu no Piauí*. Esta afirmação perpassou as falas pronunciadas e foi à percepção que prevaleceu nas reflexões feitas pelas pessoas que compareceram à reunião. A apresentação do conteúdo da pasta também corroborou com esta compreensão. Dona Chica, orgulhosamente apresentou as fotos, folders, cartazes e já alguns depoimentos escritos à mão. Finalizamos com um esboço de um plano de trabalho e lista de assuntos e nomes de pessoas que deveriam ser acionadas por fazerem parte da história que seria contada.

Posteriormente, dona Chica veio a Teresina e realizamos entrevistas bastante intensas. Ela chegou munida de novos documentos e fotografias de seu acervo pessoal que foram digitalizados. Essas entrevistas foram transcritas na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em Caxias (MA) e, simultaneamente, realizamos uma busca no acervo do Laboratório do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, sediado na Universidade Federal do Piauí. As fotos e os pronunciamentos mais significativos foram encontrados nos arquivos da Semana de Ciências Sociais da UFPI (2016), trabalho de

campo do projeto Mapeamento Social da Região Ecológica dos Babaçuais no sul do Piauí (2016), o Seminário Cartografia de Conflitos Socioambientais (2016), Encontro Nacional da Cartografia Social do Brasil Central na UNEB (2017), Roda dos Povos e Comunidades Tradicionais do Piauí (2018) e Dia Estadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (2016, 2017 e 2018).

Em síntese, o livro contém os depoimentos de dona Chica proferidos nas entrevistas e nos eventos citados. Após análise, a abordagem temática norteou a seleção e organização que resultou na estrutura do livro; desta forma a abordagem de um mesmo assunto nos fez abandonar a cronologia da narrativa e integrar os pronunciamentos feitos em momentos distintos. Estes, por sua vez, foram mesclados com fotos e depoimentos de pessoas que compartilham com ela as batalhas travadas ao longo de sua existência.

Na empreitada da coleta de fotos e depoimentos contamos ainda com a colaboração do MIQCB – Regional Piauí (Jucelino, Sandra e Helena), que juntamente com dona Chica e seu neto (Alex), se comprometeram com a tarefa de acionar as pessoas e buscar imagens nos arquivos do MIQCB e meios de comunicação que noticiaram eventos contemplados no livro.

Após a análise e seleção dos dados, na medida em que a organização do livro foi avançando, o princípio norteador desta produção se confirmava: a história de dona Chica Lera de fato se confunde com a memória dos movimentos sociais e a luta das quebradeiras de coco babaçu. Ela é vista com uma personificação das lutas dos trabalhadores/as rurais, mulheres, negros/as e agroextrativistas do babaçu.

A memória e as identidades evidenciadas são fenômenos sociais que se entrelaçam<sup>6</sup>. A memória social manifestada é um elemento constituinte da identidade de mulher, negra e quebradeira de coco babaçu. Múltiplas, essas identidades são vivenciadas de forma bastante harmônica e simultânea, o que

---

<sup>6</sup> POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

nos levar a constatar a necessidade de superação dos limites impostos por algumas agências que insistem em separar algo que é compartilhado na vida.

No processo de análise e seleção dos dados foi uma experiência etnográfica que tivemos o privilégio de vivenciar e por meio dela conhecemos alguns *conceitos nativos*<sup>7</sup> que dão significado ao mundo prático e efetivo das quebradeiras de coco babaçu e que nos revelam a produção de significados históricos bastante específicos para esta coletividade. Um exemplo é percepção de que dona Francisca é uma palmeira ou a mãe palmeira, mãe das quebradeiras de coco. Outra é a afirmação de que ela é raiz e fruto. Essa perspectiva cosmológica é bem evidenciada também em termos que se repetem nas diversas falas: guerreira, mulher de coragem, mulher de fibra e de luta.

A trajetória da Chica Lera é permeada por momentos que denomina de *luta*. A luta pela garantia dos direitos das mulheres, pela participação nos movimentos sociais, pela criação do MIQCB; luta pela defesa dos babaçuais, pelo Babaçu Livre, pela preservação ambiental, pela autonomia das comunidades tradicionais no acesso aos recursos naturais. Percebe-se que a luta no campo individual não se separa do campo social. A trajetória da Chica Lera é este processo de lutas e conquistas nestes dois campos. Portanto, a luta nessas esferas não são resultados simplesmente de crise social unidade x contradição, crise social x mudança social, ou como grupos de interesses estruturalmente opostos que se encontram em luta pelo poder, presentes na teoria do conflito social<sup>8</sup>. Essas lutas são relações sociais<sup>9</sup>. Como relação social, o conceito de luta é ampliado, saindo da esfera macro e se encontrando nas diferentes formas de relações sociais. Percebe-se que toda relação pode comportar luta em suas diferentes formas: luta política, luta ideológica, luta econômica. Em cada relação

---

<sup>7</sup> GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo Araújo, SANSONE, Lívio. Raça novas perspectivas antropológicas. 2ª ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

<sup>8</sup> SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: G. SIMMEL; E. d. Filho (Ed.), Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>9</sup> WEBER, M. Economia e Sociedade (v. 1). São Paulo: UNB, 2000.

é possível perceber quais são os antagonistas, as reivindicações, as mediações, as mobilizações e as resistências que congregam essas relações sociais, como Chica Lera afirma, “o direito só se conquista na luta”.

As situações de luta vivenciadas por Chica Lera dá visibilidade ao processo histórico das relações sociais de luta das comunidades tradicionais pela manutenção do seu modo de vida, na autonomia no uso e controle dos recursos naturais, na preservação do meio ambiente; mapeia no tempo e espaço os antagonistas, as suas estratégias de imobilização da força de trabalho e as formas de mobilização de agentes sociais que vão se constituindo também nesse processo.

A trajetória de vida de Chica Lera e sua atuação em diferentes instâncias de mediação, mobilização e representação política subsidia análise da emergência de formas político organizativas específicas pautadas em identidades coletivas objetivadas em movimento social<sup>10</sup>. Chica Lera narra sua vivência nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, no Coletivo de Mulheres, no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Esperantina-PI, no Partido dos Trabalhadores e no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB. Narra também articulações, debates e mobilizações com outras formas organizativas em torno de reivindicações comuns. Não são momentos distintos datados em tempo/espaço. São vivências que se completam, que se mesclam, que constroem uma experiência de mundo, visão crítica das questões sociais e condições de possibilidades de lutar e reivindicar forças em torno dessas reivindicações.

Cada uma dessas instâncias representa situações que levam os grupos sociais a se mobilizarem e se organizarem politicamente na luta pelo

---

<sup>10</sup> ALMEIDA, A.W.B. Nova cartografia Social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: A. W. ALMEIDA, & E. d. FARIAS JÚNIOR, *Povos e comunidades tradicionais: Nova Cartografia Social*. Manaus: PNCSA, 2013.

reconhecimento<sup>11</sup>, não só pelo reconhecimento de uma identidade, mas também do território, imprescindível para a reprodução física e social do grupo.

Nessas lutas pela autonomia no uso e controle dos babaçuais, várias são as denúncias e reivindicações. A defesa do meio ambiente não se dissocia dessa luta. As denúncias de devastação, contaminação dos rios e lagos, da utilização de agrotóxicos pelo agronegócio são recorrentes e se estendem para além do território de atuação do movimento das quebradeiras de coco babaçu. Há uma conscientização ambiental que extrapola as fronteiras fixas e determinadas geograficamente. Essa constatação fica evidente na fala de D. Chica Lera quando afirma que a luta agora é pelo território e o território significa a liberdade de ir e vir, de deslocar-se e não apenas o “pedaço de chão” geograficamente delimitado. O território vai até onde o babaçu está; é a liberdade da quebradeira de coletar, quebrar e vender o coco babaçu onde quiser, para quem quiser, sem obrigatoriedade de prestar contas ao que pretende deter o monopólio da compra, designado como “patrão”.

O território, portanto, vai além do espaço físico; não se confunde com a terra. Caracteriza-se pelas relações estabelecidas com os recursos naturais, pela autonomia no uso e controle desses recursos. Assim, a luta das quebradeiras de coco de Esperantina no Piauí é também a luta das quebradeiras de coco do Pará, do Maranhão e do Tocantins. O território se estende às mulheres que quebram coco sob ameaça de perderem sua autonomia, às palmeiras de babaçu devastadas pelo processo predatório. O território alcança a luta das comunidades tradicionais que também se encontram ameaçadas de perderem sua autonomia e seus recursos naturais. Portanto, o território se confunde com a luta pela ameaça da devastação dos recursos naturais pelos empreendimentos que, em nome de um progresso, desconsideram seus modos de vida, classificando-os como arcaicos, atrasados.

---

<sup>11</sup> FRASER, N. Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". Cadernos de Campo, 2006.

Nesse processo de defesa do meio ambiente e da autonomia no uso e controle dos recursos naturais pelas comunidades tradicionais, várias são as instâncias de representação política que compartilham dos mesmos canais de denúncia e de mobilização. A trajetória de Chica Lera e suas narrativas históricas permitem também mapear essas redes, suas articulações e as pautas comuns. A atuação no Partido dos Trabalhadores e como candidata a vereadora no município de Esperantina demonstra essa articulação de diferentes situações de denúncias e reivindicações, mas voltados para um bem comum.

A trajetória de vida de Chica Lera aqui apresentada representa a construção histórica da autoconsciência de uma territorialidade específica<sup>12</sup>. Essa autoconsciência é reproduzida nas relações cotidianas no livre acesso aos recursos naturais e no sistema de uso comum. Para a garantia da autonomia nas relações com os recursos naturais, imprescindíveis para a reprodução física e social do grupo, essa autoconsciência de um modo de vida e de um saber local transformou-se em pauta de reivindicações na luta pelo reconhecimento da mulher quebradeira de coco, organizada em movimento social e articulada com outras instâncias de representação e mediação.

As narrativas de Chica Lera, enquanto porta-voz do grupo, contribuem para a visibilidade e dar existência ao próprio grupo. Ela investe de legitimidade e posiciona-se na condição de narradora das trajetórias coletivas, articulando conhecimentos históricos, geográficos e ecológicos e ação política formulada em termos de identidade indissociável do território. Essa posição foi reconhecida e legitimada nas homenagens que já recebeu pela sua atuação em prol da defesa da manutenção de um modo de vida específico e da defesa do meio ambiente.

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, A. W. B. Terras de quilombo, terras indígenas, “babaquais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus, AM: PPGSCA-UFAM, 2006.





**Chica Lera em Esperantina. Foto: Jornalesp.**



**Quebrando coco babaçu. Foto: Raoni Barbosa - Portal Cidade Verde.**

## O NASCIMENTO E A INFÂNCIA

Eu me chamo Francisca Rodrigues dos Santos. A minha mãe se chamava Maria do Carmo da Silva e meu pai Raimundo Rodrigues da Silva. Do primeiro casamento ela teve seis filhos, morreram três e ficaram três: eu, o Antônio e a Maria. Dos irmãos do primeiro casamento só tem eu. A outra minha irmã morreu está com uns cinco anos e o outro meu irmão saiu com idade de quinze anos e até hoje nem notícia. Não sei se ainda é vivo ou se já morreu pelo Maranhão. Eu nasci no dia vinte e nove de dezembro de mil novecentos e trinta e nove. Do que eu lembro para contar, eu não conheci nem avós por parte de mãe e nem por parte de pai. Não conheci essas pessoas. Só mesmo os meus tios que eu conheci.

O nome de Francisca Lera vem do meu avô, que se chamava José Lera. Minha mãe foi chamada de Maria Lera, aí eu fiquei Francisca Lera, e meus irmãos, o Luís Lera e o Antônio Lera. Por causa disso até meu marido pegou esse nome e ficou sendo chamado de senhor Lera. Esse nome vem da geração do meu avô.

Nasci em um lugar chamado Trapiá, em Buriti dos Lopes, no Piauí. Fica no rumo de Parnaíba, para aquelas bandas de lá. Lá aonde eu nasci não tinha coco babaçu. O coco de lá era a carnaúba. A minha mãe arrendava aquela palha de carnaúba para ela tirar, ela ia derrubar, riscar e botar aquela palha para secar, bater e vender aquele pó para comprar comida para nós porque não tinha outra fonte de renda lá. Era trabalhar no carnaubal e fiar

algodão. Ela era muito fiadeira de algodão. Fazia esteira, cofinho de palha de carnaúba e chapéu. Era o trabalho dela. O que eu ouvia muito ela falar era que quando ela aparecia grávida, ela já começava ir para os matos tirar o mel de abelha, porque naquela época tinha muita abelha, eu mesmo alcancei ainda. Ia tirar o mel para colocar ele para apurar para ele virar tipo um açúcar, que era para fazer a comida para as crianças, sabe? Quando não, era aquele leite de gado que misturava com o sebo para fazer o mingau ou botar numa sopa para comer. Depois que meu pai morreu, eu ouvi muito ela dizer que muitas vezes ela chorava de ver nós chorando pedindo o que comer e ela não tinha para dar. Com o falecimento do meu pai, os meus tios que moravam no interior na Esperantina foram buscar minha mãe. Ela disse que se estava sofrendo, quando ela chegou a Esperantina, no interior, foi pior porque lá onde ela estava conhecia todo mundo e para onde a trouxeram, não conhecia ninguém. Os meus tios viviam de trabalhar para fora, para os patrões. Eram um monte de burro carregando e botando madeira nos interiores. A minha avó, não era minha vó mesmo, era casada com meu avô, de manhã ela botava o paninho na cabeça e ia embora e só voltava para casa à noite. Aí minha mãe ficava sem conhecer ninguém. Ela disse que sofreu bastante. Não sabia quebrar coco. O que ela sabia era fiar algodão e trabalhar de roça, mas não conhecia ninguém para lhe arranjar um serviço. Ela disse que a roupa dela foi se acabando, nós também fomos dormir no chão, as redinhas já tinham se acabado, não tinha mais nada e não tinha o povo para dar para ela, pois não conhecia ninguém. Ela disse que só ia buscar água quando todo mundo tinha ido buscar água na cacimba, porque a veste dela não dava mais para se apresentar onde tivesse muita gente. Foi quando a gente passou mal mesmo, porque ela não sabia quebrar coco e eu ouvi ela dizendo que aprendeu quebrar coco na pedra. Nós chorando com fome pedindo comida e ela não tinha o que comer. Ela foi quebrar coco na pedra para dar aqueles farelinhos para nós se entreter. Dava até caganeira (diarreia), pois não éramos acostumados. Uma mulher que morava perto dela viu e começou a tomar

amizade com ela. Quando dava certo, ela levava arroz, feijão, farinha e lá ela fazia aquela comida para nós e ela também. Ela foi começando a aprender quebrar coco, começou a conhecer todo mundo e foi arrumando serviço para ela. Quando ela começou a trabalhar na roça, foi um negócio a mais. Nessa dela ir trabalhar, o que minha avó de cortesia fez? Ela me pegou e deu para um proprietário rico, pegou meu irmão deu para o patrão que era o dono da terra onde nos estávamos e pegou minha irmã e deu para uma mulher de Barras. Ela espalhou nós tudinho. O meu irmão não demorou lá na casa do fazendeiro, voltou logo. E eu passei, acho que uns cinco anos lá, mas sofri igual sovaco. Eles me surravam porque eram brancos e eu era negra, até que eu fugi da casa deles. Eu tinha de seis a oito anos. Eu fugi porque eles judiavam muito comigo. Minha mãe já tinha criado alma nova, trabalhando e já andava nas festas, num sabe? As festas eram de sábado para domingo, de domingo para segunda. Uma mulher falou que tinha visto minha mãe em uma festa perto da propriedade onde eu estava, aí eu disse: “Olha, pois tu diz para minha mãe para ela vim me buscar que eu vou sair da casa, eu vou embora, eles judiam muito comigo”. Eu saí da casa, fugi, fui para outra casa. Eles foram me buscar de novo. “Volto não!” Eles queimavam meus cabelos. Eu fui para casa, minha mãe já não passava mais fome, já tinha o que comer. Ela saiu desse lugar onde ela estava e foi para o lugar onde eu moro. Nós criávamos galinha, porco e trabalhávamos de farinhada. Nessa época, a gente era muito privada, ninguém podia ir para festa. A gente já mocinha e não andava bem vestida. Hoje eu já tenho mais uns molambinhos para vestir, mas já fui senhora de bater e ficar esperando enxugar para eu vestir. A minha irmã custou muito a voltar, a vir para casa. Minha mãe foi buscar ela. Depois de um tempo, ela veio para casa e fomos morar todo mundo junto. Eu fui morar com a dona da propriedade em que morávamos, que era minha madrinha. Foi pessoa boa. Foi onde minha mãe também foi mais acolhida. Esse lugar é onde eu moro, chama-se Tapuio. Mas nesse tempo o nome do lugar era Olho D’água. Nas escrituras, se procurar lá não vai

encontrar como Tapuio, vai encontrar como Olho d'água do Caboquim Bernardo, que era o dono da propriedade, padrinho do meu irmão e a mulher dele era minha madrinha. A gente melhorou um pouco de vida, só que não era como hoje, que a gente anda bem pronta e se não anda é porque a gente não quer. Era muito difícil você ter uma roupinha, um calçado. Era muito difícil. Hoje cada um escolhe o calçado que quer. Às vezes, eu digo: “Não quero carne de porco, não quero frango, não quero peixe, eu não quero isso”. Mas eu lutei para isso.

Era uma dificuldade porque a minha mãe estava sozinha e naquela época a mulher que não tinha um marido, ela não era bem vista, ela tinha que se resguardar, porque do contrário, ia ser falada. Minha mãe foi expulsa até de salão de festa. Ela contou que ela foi pra festa e diziam que ela era rapariga. Naquela época tinha o salão só das pessoas brancas dançarem, negras nem pensar. Uma cunhazinha como eu, com uma roupinha dessas, nem pensar! Se fosse casada, viúva ou já tivesse namorando, era expulsa na mesma hora e não entrava no salão. Minha mãe enfrentou isso. Agora eu não enfrentei não, eu não ia para festa mesmo, ela não deixava eu ir. Enfrentei na comunidade, isso devido não ser casada no religioso. Minha mãe contava as coisas, como ela foi criada pelo o pai dela e como era o pai dela. Meu pai já tinha uns 30 anos e ela 14 anos. Naquele tempo os pais faziam a pessoa casar com o outro sem querer. Hoje não, está liberado. Ela dizia que se dissesse para ir lá debaixo daquela moita pegar uma cobra, tinha que ir. Não deixava a gente cortar o cabelo, vestir blusa sem manga, era assim desse jeito. Deus me livre!

Eu sou o irmão mais novo de Chica Lera. Ela é uma guerreira, criou todos os filhos e netos quebrando coco babaçu. Então, é uma mulher muito ativa. Com tudo isso, quebrando coco babaçu, ela teve a humildade de criar toda a sua família. Ficou viúva, mas não se abalou. Ainda hoje luta, é uma guerreira (**Luís de Assis de Carvalho, irmão de Chica Lera**).



**Dia da Mulher em Esperantina. Foto: Jornalesp.com**



**Campanha Babaçu Livre nas ruas de Esperantina. Foto: Revista AZ**

## O NASCIMENTO E A INFÂNCIA

Era difícil a gente ir numa brincadeira. A gente pensa que sair de dentro da casa do pai ou da mãe para se casar, pensa que é o céu de alegria, é onde a gente quebra a cara. Quando a cabeça não pensa, o corpo é que padece. E é mesmo, né? Minha mãe não deixava a gente ir para certas brincadeiras. Eu me casei. Fugii com um cara. Ele não me carregou não, eu que fui mais ele. Ele não me carregou no ombro, eu fui caminhando. E aí eu pensei que a vida ia ser outra, mas foi ao contrário, sofri também. Ele era bebedor de cachaça, reparigueiro que só a peste. Já morreu. Eu tinha 18 anos. Com 19 anos eu tive meu primeiro filho. Eu voltei, minha mãe mandou me buscar. Casamos primeiramente no civil no dia 21 de fevereiro de 1958. Quando deu 8 de janeiro de 1959 eu tive o primeiro filho que nasceu morto. Em dezembro de 1960 eu tive a segunda filha, que está viva graças a Deus e está em Brasília. O sofrimento era muito pior, porque pensava de casar, ter uma vida melhor e trabalhar. Mas o que ele ganhava era para beber de cachaça e gastar com as mulheres. Eu me casei, ele era amigado com uma mulher. Ele foi morar com a mulher tinha doze anos. Mas sobre isso ele nunca me maltratou de me levar em um lugar e fazer pouco com ela lá. Isso nunca fez não. Era de beber cachaça e chegar em casa e quebrar o que a gente tinha. Isso ele fez não foi uma vez, nem duas. Mas eu já tinha filho, eu tinha que dar de comer para os meus meninos. Só nunca me bateu, porque eu não me amoleci não. Se vier meu amigo, nós apanhamos de meia. Tu te segura porque o que eu

tivesse na mão...Um dia ele me encarcou numa cadeira, eu trabalhando fazendo tarrafa. Ele chegou, encarcou meu pescoço na grade da cadeira. Estava me matando e eu com uma faquinha aqui. Quando ele me soltou eu mandei a faca. Ele meteu o braço no meio e ficou espetado. A casa da minha mãe era bem pertinho, ele gritou por ela e a mamãe foi. Minha filha, eu ia apanhar, ela ia me bater. Eu disse: “Repara meu pescoço aqui como está. Ele estava me matando aqui. Eu não tenho outra coisa para me defender, eu joguei a faca nele”. Pois foi como a velha não me bateu. E assim levamos a vida. Criei quatro filhos. Tive seis, mas morreu dois. Criei quatro filhos nessa pendenga de sair de manhã para quebrar coco e chegar de noite para vender. Eu mandava vender e lá ele bebia o dinheiro todo de cachaça. Sofrimento. Ele começava a beber quarta feira da semana santa e ia até domingo de páscoa. Minha mãe morreu em 1967. Ele via que eu não tinha mais mãe, não tinha mais pai, só os filhos e ele. Agora, a minha sogra, a mãe dele, era muito boa para mim. Ficamos casados até o dia que Deus o tirou.

Eu ia trabalhar com ele (marido) e ainda dava conta de ir para o mato quebrar coco. Chegava cinco horas da tarde, veja só, cinco horas da tarde, vendia o coco e ia para o barracão. Chegava lá, o homem, o barraqueiro, não estava lá e se estava não tinha dinheiro. Olha a situação. Não tinha dinheiro, vinha me dar um pedacinho de papel escrito quantos quilos de coco e tal dia. Às vezes estava para Teresina, passava três ou quatro dias. Se não fosse algum vizinho para me dar uma coisinha ou pedir comida para as crianças, todo mundo morria de fome. Se ele arrumasse um serviço e trouxesse algo para dentro de casa, quando chegava já vinha bêbado. Era assim.

Quando eu comecei a sair, a bater asas mais para longe, era a Vilma, que hoje é a prefeita de Esperantina, que eu pedia: “Vilma, vai lá pedir para ele deixar eu ir”. Ela ia e ele dizia: “É dona Vilma, está certo, ela vai. Está bem, ela vai”. Toda vez eu pedia, mas depois eu pensei: “Você quer saber de uma coisa menino? Eu tenho que tomar uma posição nesse negócio. A Vilma



não é meu marido, não é nada minha, quem é mulher dele sou eu, quem tem que me dirigir a ele sou eu. A partir de hoje, não tem isso mais não!” Só fazia me arrumar. Naquele tempo não tinha essas bolsas bonitas, era umas sacolinhas, só botava as coisas ali. Às vezes até tomava emprestado um calçado, uma roupa para ir, que eu não tenho vergonha de dizer isso. Muitas vezes eu pedia um calçado emprestado a uma companheira, uma roupa para eu ir. Eu queria participar. Só fazia arrumar a bolsa e ele dizia: “Pra onde é que tu vai?” Eu respondia: “Eu vou saindo”. Ele falava: “Pois não volta mais não, leva tua rede”. E eu: “Não! Deixa minha rede aí, quando eu voltar é para ela estar no mesmo lugarzinho”. E foi assim que eu tomei a rédea e não fui mais pedir ninguém para pedir a ele para eu andar nos lugares. Muitas vezes ele só dizia: “Que dia tu vem?” E eu: “Num sei, só estou sabendo a hora que estou saindo”. Mesmo assim ele nunca se acostumou, morreu e num se acostumou com as minhas saídas. Eu não fiquei mais naquela de obedecer, de eu ficar pedindo. Eu mesmo botei o regime na coisa.

Eu passei por todo esse processo. Meus filhos não queria que eu participasse. A minha filha mais velha foi trabalhar em São Luís, foi sozinha, quando voltou foi com um bucho (grávida). Eu já estava começando a namorar o movimento. Ele não queria ela dentro de casa e eu disse: “Não senhor, ela vai ficar é aqui dentro de casa. Não é por causa de um bucho que vai jogar os pés nela não. Nós que somos os pais, se não quisermos ela dentro de casa, quem é que vai querer? Então quem tem que acolher somos nós, temos que chamar ela e conversar”. E eu já namorando com o movimento e ele falando que era para ela deixar o menino comigo, que era para o ter pé de eu não sair.



**Chica Lera e o esposo. Foto: Arquivo pessoal de Chica Lera.**



**Chica Lera com neta e filho Raimundo. Foto: Arquivo Pessoal de Chica Lera.**



**Chica Lera e sua filha Wanda Maria.  
Foto: Arquivo pessoal de Chica Lera.**

Eu sou nascido e criado no Tapuio. Tenho muito orgulho da minha mãe que criou filhos e netos quebrando coco. É muito batalhadora, tenho muito orgulho da minha mãe, pois ela batalhou muito para criar a gente só a custa do coco babaçu. Eu amo a minha velha (**Raimundo Rodrigues, filho de Chica Lera**).

Minha mãe é tudo para mim. É uma guerreira. É meu amor e minha vida (**Maria de Jesus Rodrigues, filha de Chica Lera**).

## A FAMÍLIA

Em Teresina tenho dois filhos: o Raimundo e a Jesus. Em Brasília tenho uma filha, três netos e um bisneto. Em Esperantina tenho dois netos e três bisnetas. Uma bisneta mora comigo e as outras moram com aquele meu filho que liga quase todo dia. Tem outra no município de Batalha, mas todo dia vai lá em casa. E tem um na Austrália, que está com três anos que está para lá. Foi trabalhar e foi atrás de melhoria. Ele foi para lá e disse que as pessoas cuidavam bem dele. Foi o único que se dedicou aos estudos. Eu não sei dizer bem como foi. Ele estava terminando a faculdade lá em São Paulo. A minha filha, que foi para Brasília, com o tempo levou aquela menina que mostrei. Com o tempo, ela levou também o meu neto para a casa que ela trabalhava. Chegando lá, o pessoal se deu bem com ele e tomaram de conta dele. Botaram para estudar, pagaram escola particular. Ele tinha carro, ele tinha tudo. Teve um ano que ele veio no meu aniversário de 70 anos, mas ele ainda não estava para a Austrália. Atualmente, ele se comunica com a gente. Quando eu quero falar, tenho que ver um horário, pois quando lá é dia aqui é noite.

Tudo são os meus dengos, minhas netinhas. Ave Maria! Sou louca pelas minhas netinhas. Tenho seis bisnetos. Então é isso dona menina, eu passei por muitos momentos difíceis, mas estou feliz. Tenho ânimo para viver e peço a Deus que me dê mais ânimo.

Ela para mim é avó e mãe. É uma pessoa muito especial que amo muito. Sem ela eu não sou ninguém. Gosto muito dela, é uma pessoa gente boa (**João Henrique, neto de Chica Lera**).

Eu sou neto da Francisca Lera Rodrigues dos Santos. Ela que me criou. Para mim ela representa a vida. O amor que ela tem por nós fez com que ela nunca tenha deixado faltar nada para a gente. Podia faltar para ela, mas para nós nunca faltava. Eu agradeço muito a ela, por isso cuido dela até hoje. Eu morava fora, mas vim mora perto para cuidar dela, por que o que eu fizer por ela ainda é pouco. Eu só posso dizer que ela é minha vida, minha inspiração e meu orgulho. É sou fã, muito fã mesmo, sou fã numero 1 da minha vó, ela é minha vó e mãe ao mesmo tempo (**Antônio Alex, neto de Chica Lera**).

Eu sou neta de dona Francisca e quero dizer o que ela significa para mim. Ela significa tudo para mim. Ela faz todas as minhas vontades, dá o que a gente quer sem a gente pedir. Ama a todos mais do que a si própria. Ela nos dá a benção e muito amor, muito carinho. Ela nos orienta e nos suporta. É um exemplo muito grande de mulher de muita experiência, muito trabalho, honestidade, fé e muita firmeza. Amo muito minha vó (**Raila, neta de Chica Lera**).



**Chica Lera e Alex, seu neto.**  
Foto: Arquivo pessoal de Chica Lera.

## EU FUI APRENDENDO COM O MOVIMENTO

O movimento começou dentro dessa trajetória de marido e filho. É coisa ruim você não ter apoio do marido, você não tem apoio do vizinho, que nós fomos criados naquela tradição doida que mulher era só para obedecer ao marido. Tudo que ele dissesse tinha que dizer amém. Mas eu fui aprendendo com o movimento, com o sofrimento. Com o sofrimento primeiro. Eu fui aprendendo e eu começava a olhar as coisas e não foi fácil. Não foi fácil pra mim hoje estar aqui conversando com vocês. Mas venci, com a paciência e perseverança.

Eu vou contar como começou o movimento. E naquele sofrimento doido, o que eu ia fazer? Pensei três opções: beber cachaça, participar de macumba, que eu sabia que ia resolver, e estava surgindo as comunidades. Participei primeiro de beber cachaça. Eu via o marido bebo e que bebia, né. Eu comecei a quebrar coco e vender na quitanda que era com frente minha casa. Aí eu bebia até aquele ponto que eu via que não ia fazer besteira. Um dia eu disse: “Não! Rapaz, esse negócio está errado, não dá certo não. Mulher beba é bicho feio. Esse teste aqui não dá para passar não”. Fui experimentar a macumba. Era longe. Gente nova é bicho sem juízo mesmo. Era longe, eu ia com uma colega. Fui umas duas vezes e disse: -”Não! Isso aqui também não é lugar para mim, não. Esse cara vai querer só ganhar dinheiro às minhas custas, dizendo que é espírito não sei de quem. Eu não vou mais não”. Aí surgiu a comunidade. Eu comecei a participar da comunidade. Fui começando

e já comecei achando bom. Eu disse: “Parece que aqui vai dar para eu ficar”. Comecei muito animada. Naquele tempo eu me garantia em cântico, na voz. Na comunidade as pessoas tinham a celebração no domingo na Igreja Católica.

Minha filha, um dia, uma noite, eu estava na comunidade, quando ele (marido) chegou e me chamou e disse: “Hoje é o último dia que tu pisa aqui nessa comunidade”. E eu disse: “É? Está bom”. Não briguei com ele, não disse nada. Nós vamos resolver em casa. Cheguei em casa e disse: “Senta aí!” Fomos conversar. “Bom, agora você vai me dizer qual dessas três coisas: eu vou beber cachaça, vou para a macumba ou para a comunidade. Você vai me dizer de qual dessas três coisas eu vou participar”. Ele ficou calado. Eu fui participar da comunidade, mas ele brigava toda vez que eu saía. Quando eu viajava ele dizia: “Leva tua rede”. E eu dizia: “Não! Deixa minha rede aí que quando eu chegar é para estar no mesmo lugar”. Ia levar a rede para que? Eu enfrentei porque tinha perseverança, paciência. Ele se aposentou primeiro do que eu e me humilhava demais.

Na comunidade eu fazia a preparação de criança para o catecismo, para fazer a primeira eucaristia, reunião e palestra sobre o batismo. Preparava as crianças de 10 anos ou adultos para se batizar e ajudava as outras comunidades na evangelização. Tinha um povoado a dois quilômetros que o pessoal não sabia nada do que era a Bíblia. A gente se reunia com aquelas pessoas para fazer as atividades, fazer curso bíblico, num sabe? Curso sobre relações humanas. Hoje lá tem o assentamento. Foi através da leitura da palavra de Deus que a gente conseguiu. Era um trabalho de evangelização. E foi daí que tomei gosto de não esmorecer e que hoje estou aqui junto com esse grupo.

Sofri alguns preconceitos, porque naquela época as pessoas que participavam da comunidade, os mais velhos, quem não era casado não era considerado uma pessoa de Deus. Quando eu vim me casar no religioso, eu já era avó. Casei primeiro no civil. O povo lá ainda tinha aquela tradição antiga e não deixava pegar na Bíblia, porque diziam que quem era casado só

no civil virava bicho. Nem rezar o Pai Nosso de mãos dadas com outra pessoa não podia. Mas eu fui em frente e quebrei o tabu. Teve uma reunião, sempre tinha da coordenação da paróquia. Eles queriam ver como estava os trabalhos da comunidade, quem tinha ajudado a fundar a comunidade, se ainda estava participando das coisas. Veio uma irmã, aí eu disse: “É hoje que o boi vai beber água”. Ela perguntou e eu disse que eu não estava participando. Estava com um mês que eu não pisava na comunidade. Eu tinha a dúvida se eu podia ou não rezar o Pai Nosso pegada na mão de outra pessoa ou na Bíblia, se era pecado. Se me condenaram, será que Deus me condenou também? Mas eu vou tirar a dúvida, se o padre ou a irmã disser que eu não posso, aí pronto, eu não vou mesmo mais lá não, porque podem me pegar e até tocar fogo. Eu perguntei para ela e a irmã me perguntou: “Por que dona Francisca a senhora não está mais participando da comunidade?” Eu disse pra ela: “Porque disseram que eu não posso rezar o Pai Nosso pegado na mão de ninguém, eu não posso ler a Bíblia. Ela falou: “Mas por quê?”. Eu respondi: “Porque sou casada só no civil”. Ela disse: “Dona Francisca só tem duas coisas que você não pode fazer dentro da comunidade: batizado e casamento, mas o resto não importa. Você pode trabalhar e fazer tudo”. Vocês se lembram daquela música *daqui não saio daqui ninguém me tira*? Eu disse: “Daqui agora ninguém me tira, só a morte”. Não saí mesmo mais não. Hoje não estou participando mais diretamente devido eu ter adoecido das minhas pernas. Não aguento fazer mais viagem longe; eu passo de duas, três semanas sem pisar no MIQCB porque não aguento mais ir caminhando. Vou, mas chego lá já vou pedindo carro. Se eu for a pé, não volto. Muitas coisas se passam, eu não sei, não vou. A comunidade foi que me deu essa esperança e está me dando ainda.

Só quero que não me deixem de fora do movimento que é onde eu me sinto mais animada, participando. Saindo para participar das coisas é que a gente tem mais vida, ânimo, esperança de viver mais. Eu gosto de estar no meio do povo, isso para mim é tudo. Quando nos encontramos, a gente se



abraça, chora, é uma coisa. Se for para conversar, eu não sei ficar sentada. Eu saio lá para o meio, para o povo ficar me enxergando. Esse é o meu jeito: cantar, dançar e fazer movimento, era isso que o povo aplaudia. Então se uma coisa é animada, não tem como povo ficar desanimado. Se você anima, o pessoal fica mais animado.

Dentro do movimento eu aprendi tudo isso. Aprendi que eu não tenho só o dever de estar em casa cuidando do marido e dos filhos, lavando prato e panela, lavando a roupa dos filhos. Eu tenho direito de estar lá fora, ajudando nas outras coisas necessárias. Eu não tenho direito de estar só enfiada naquilo ali, não. Eu não posso ir para acolá, porque eu preciso fazer comida para meus filhos? Ele se vira! Tudo isso eu digo para vocês, tudo isso eu digo que aprendi dentro do movimento. Lá em casa, agora mora comigo só o filho adotivo. Ele tem 52 anos. Se ele quiser, ele se vira lá para comer; se ele quiser, ele lava a roupa dele. Ele está doente de uma perna e não tem quem faça a comida, mas ele se vira! E quando eu morrer? É isso que eu digo para ele. Quando eu morrer? Então se virem! Lá em casa é assim, nós somos três, mas cada um comeu, lavou o pratinho; cada um vai e lava sua roupa. Foi um costume que nunca viciiei em marido, ele sair, amassar roupa com outra lá fora e eu passar ferro! Se quiser sair engomado, engome meu amigo! Eu não engomo para mim e não vou engomar para ninguém! Então isso tudo foi o movimento que me ensinou. O movimento ensina muita coisa para a gente. Escolhi um caminho bom, não fui escolher um caminho ruim. O movimento me ensinou tudo isso: saber respeitar e saber entrar num lugar.



**Brasília - reivindicação de aposentadoria aos 55 anos para mulheres e 60 para homens e salário maternidade.  
Foto: Arquivo pessoal de Chica Lera.**



**Seminário sobre o Programa de Aquisição de Alimentos - PPA.  
Foto: Jornalesp.**



**Dia Estadual das Quebradeiras de Coco Babaçu em Esperantina - PI. Foto: MIQCB Regional Piauí.**

Sou da comunidade Fortaleza e quero dizer que dona Francisca Lera é uma mulher muito forte, guerreira. Para mim ela foi minha segunda mãe, a mãe que me ensinou a dar os primeiros passos no movimento. Com muito carinho ela fez isso. Eu tenho muito carinho e respeito por ela, o que ela aprendeu na vida repassou para mim e para muitas pessoas do movimento, muitas quebradeiras de coco. Ela nunca mediu esforços, não tinha sol, não tinha chuva, quebrava qualquer barreira para alcançar a gente.

Quando ela me falou pela primeira vez sobre o movimento, eu não sabia o que era o movimento, eu simplesmente quebrava coco, mas não sabia a importância de ser uma liderança. E dona Francisca Lera foi minha professora muito dedicada, que muito me ensinou. Eu só tenho a agradecer o tempo que ela disponibilizou da vida dela para ensinar e eu poder dizer que eu sou uma Chica Lera da vida. Não foi fácil ela formar muitas lideranças, porque era um tempo de escravidão, muita opressão. Mas por ela ser uma mulher dedicada e guerreira, ela conseguiu ensinar muitas mulheres e homens. Eu sou uma dessas mulheres que ela ensinou a viver.

Hoje, a gente homenageia a dona Francisca chamando ela de mãe palmeira. Uma mãe dedicada que observava a gente em todos os momentos. Ela nos levava para as atividades e reuniões, ensinou a gente falar na televisão e em público. Então, ela foi mais que uma professora. E tudo ela aprendeu no dia-a-dia, aprendeu com a vida dentro dos babaçuais, com as palmeiras. Por isso ela é a mãe palmeira.

Quando ela via que a gente estava pendendo para algo que não estava certo, ela puxava a nossa orelha e isso nos ajudou a ser a liderança que somos hoje. Por isso a gente respeita muito ela e sabe que tem os momentos de dizer sim e não. A gente faz esta homenagem porque ela é uma mãe palmeira. Ela é uma defensora, uma guardiã, é muita coisa que a identifica com a palmeira. Ela nos ensinou todas as palavras que nós falamos hoje, tudo é ensinamento dela.

Eu conheci dona Francisca 25 anos atrás como liderança. Quando ela chegou a minha vida foi como uma estrela que brilhou e começou a me guiar. Esse brilho que ela tem ainda hoje, foi tão forte, é tão forte que a cada dia que passa esse brilho aumenta.

Dona Francisca em 2017 foi homenageada com a medalha do Mérito Renascença, em Piracuruca. Ela recebeu essa homenagem do governador. Em dezembro de 2017, ela recebeu a homenagem de Mérito Agropecuário, em Teresina. Dona Francisca merece todas as homenagens, a gente é muito feliz e deseja que ela seja muito feliz com esse livro. É a história da vida dela, que vai ensinar muitas pessoas. A nova geração que está vindo aí vai saber sobre a vida da dona Francisca e de muitas pessoas que estão ajudando a construir esse livro. Para mim e para o MIQCB é uma honra ter o livro com a história da dona Francisca. O melhor é que ela vai estar conosco olhando esse livro, nos ajudando a dizer a história dela. É gratificante isso. Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram e ajudaram a construir esse livro. Para a história do movimento vai ser um grande aprendizado. Muitas mulheres que não conhecem a Dona Francisca, mas que vão chegar para liderar o movimento, conhecerão a história dessa guerreira (**Helena Gomes da Silva, Coordenadora do MIQCB Regional Piauí**).

## O PADRE LADISLAU E A LUTA PELA TERRA

Ladislau, minha gente, foi que me deu a maior força. Era eu junto com ele. Eu falava: “Ladislau, você gosta muito de me jogar dentro da fogueira né?”. Ele que foi o pivô de todo o processo do assentamento Fortaleza, Pedrinha, Fortaleza 3 e Fortaleza 6 e 7. O Fortaleza 4 foi depois que ele saiu de lá, mas ele deixou a água, depois foi só pegar os peixes. Antes do Ladislau chegar em Esperantina só tinha a casa da igreja. Não tinha essa de evangelização, de ir nas comunidades. Não tinha essa organização como vocês estão vendo aqui nessa foto. Foi depois da chegada do Padre Ladislau, em 1970, que foi surgindo a organização e as pessoas foram se interessando. Foi quando eu fui evangelizar o povo. Foi fácil? Não foi, porque o povo era muito ligado ao proprietário. Naquele tempo tinha um velhão que mandava na turma toda daquela região onde morávamos. Só faziam o que o velho quisesse.

Então foi através do Ladislau que comecei a participar. Depois que o Ladislau saiu, ainda teve a questão da evangelização, mas não foi mais como era. Não houve mais desapropriação de terra, não teve mais aquela luta doida. Ele apanhou de um proprietário de terra na Vila São Pedro por causa da comunidade que ele foi evangelizar. Você entra na luta, mas você coloca sua vida em risco, porque tem pessoas que é a favor do que você faz, mas tem outros que lhe entrega. Então, a gente coloca nossa vida em risco e para isso precisa ter coragem, porque se você não tiver, você corre na mesma

hora, você foge, porque você não quer morrer. Foi devido a isso que o Ladislau apanhou, porque ele começou evangelizando. Hoje é um grande assentamento lá nesse local. Naquele tempo, os assentamentos eram mais pelo o INTERPI<sup>13</sup>. Ele foi celebrar a missa na comunidade Vila São Pedro, o capanga chegou e deu nele. Deu chute nele, queimou a casa da comunidade e a Bíblia. Quero dizer para vocês que o Ladislau foi a pedra de todo lugar; foi a pedra fundamental dentro dessa grande luta pela desapropriação das terras lá em Esperantina.

Quando ele foi para o INCRA<sup>14</sup>, ser superintendente, a gente pensou que as coisas iam melhorar, mas não foi do jeito que pensamos. Você só sabe das coisas quando você está dentro; lá na universidade só você sabe quem é a favor e quem é contra. Dentro desses órgãos é assim: quando está dentro é que você sabe quem é a favor e quem é contra. Dentro do INCRA, lá é um formigueiro. Lá não é só pessoa pobre que está lá dentro, tem gente de classe média. Lá é onde está toda malandragem dos fazendeiros. Os donos de propriedades estão lá dentro do INCRA. E quando o Ladislau chegou lá, ele pensava que aquele abacaxi era fácil dele descascar, mas foi o abacaxi que mais ele achou difícil para descascar e não descascou nem todo. Ele disse que lá tem é cobra criada. Mandava fazer as pesquisas das coisas, e tinha gente que passava três dias lá na casa do fazendeiro comendo bode assado, cozido e ele descobriu. Por isso ele não demorou muito no INCRA. Então, a gente achava que para o Ladislau ia ser fácil, mas foi difícil porque muitas vezes você entra pensando que vai resolver, mas você não sabe o que tem por debaixo daquilo ali. Isso é com qualquer um de nós. A gente entra, mas não sabe. Depois, aos poucos, a gente vai sabendo. Você precisa saber fazer um jogo de cintura, não é não? Você tem que fazer um jogo de cintura com

---

<sup>13</sup> INTERPI - Instituto de Terra do Piauí.

<sup>14</sup> INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

quem está lá para apoiar um pouco aquilo que você quer. Você chega e acha que vai ter transformação. Eu agradeço muito a Deus e o padre Ladislau sabe disso, porque ele andou em muitos lugares. O cara que bateu nele com uns anos secou o braço. O braço dele começou uma dor e foi secando.

A Francisca Lera, como é conhecida, é um belo fruto das Comunidades Eclesiais de Base - CEBS, onde a fé está bem ligada com a vida. Ela entendeu bem o que significa ser igreja, com o novo jeito das CEBs. E foi a partir da palavra de Deus que se tornou mais animada e motivada para a luta. A sua luta e seu empenho com a vida veio da palavra de Deus encarnada. Ela entendeu que o Deus do êxodo, que ver a miséria do povo e ouve o seu clamor, desce para libertar esse povo, para mostrar uma terra espaçosa que brota leite mel. Pois é, a Francisca Lera aprendeu muito bem, entendeu muito bem a exigência de uma fé comprometida com a realidade. Isso é muito bonito e bom. E daí ela começou a se empenhar com as pessoas para que elas acordassem também. E sua comunidade, o Tapuio, entendeu bem que a palavra de Deus estava bem ligada a essa situação, era uma região de conflito pela terra e pelo coco babaçu. Até então, o coco babaçu estava nas mãos dos latifundiários e eles proibiam as pessoas de quebrar o babaçu para tirar o leite e o azeite. Francisca Lera entendeu e fez muitos companheiros e companheiras entender a mesma coisa: a importância da luta pelos direitos e uma vida digna. Caiu a mentalidade subserviente de aceitar tudo do patrão e começaram a questionar e a entender que tinham direitos, que eram cidadãos. A palavra é faz com que a gente tenha força de resgatar a cidadania, apesar da opressão.

Outra característica dela, ela é uma mulher teimosa diante da verdade e do direito de seus companheiros e companheiras. Ela diz o que pensa, brigava e briga quando é necessário. É uma das pessoas que acordou para o valor da vida e nada mais abafa a sua voz e a sua militância. Ela se empenhou junto com o seu povo, sempre junto com o povo, ela nunca foi sozinha, ela foi um instrumento para

defender a natureza. Naquele tempo nem se ouvia falar muito no valor da natureza e da ecologia. Ela entendeu, junto com seus companheiros, que a fé tinha uma dimensão ecológica, por isso começaram a enfrentar com firmeza a luta pela liberdade do babaçu. Isso se ampliou e foi como um fermento se espalhando em toda a região. Foi sobretudo uma luta de mulheres corajosas, uma luta que foi vitoriosa, tão vitoriosa que elas conseguiram organizar o próprio movimento delas. Eu sei que esse despertar da natureza foi algo muito interessante, por isso Chica Lera cantava: Ei, não derrube essa palmeira. Ei, não derrube os palmeiras e Nosso direito vem, nosso direito vem, se não vem nosso direito o Brasil perde também. Esses cantos geraram na Chica Lera uma mística muito forte que foi se proliferando no coração do seu povo oprimido que começou a dizer não aos grandes latifundiários da região. A comunidade da Chica Lera foi uma semente forte da luta pela terra e pela liberdade dos babaçuais.

Outra coisa que contribuiu para essa luta se fortalecer foi o empenho do CEPES, do sindicato e da igreja que sempre trabalharam de maneira conjunta. Havia um intercâmbio muito grande, um trabalho conjunto. Isso foi algo bonito e marcante na caminhada, o trabalho em parceria: igreja, CEPES, sindicato e associações. Todo mundo lutando em favor da vida. O objetivo comum era a vida, a natureza e a terra. Pois é, essa experiência da Chica Lera é uma experiência preciosa e inquietadora. Vale ressaltar que começou a ter uma parceria entre o Piauí e o Maranhão, um intercâmbio entre as quebradeiras do Piauí e do Maranhão. Isso deu força e ânimo para essa luta ir em frente, foi fantástico!

Essa memória certamente servirá para fortalecer e acordar as novas gerações. A fé compromissada com a vida, com a justiça e a reforma agrária. Essa fé tem que continuar sendo salva e vivida. Nós não podemos aceitar um modelo de igreja abstrato, longe da realidade, com um Deus nas nuvens. Nosso Deus, Javé, é um Deus da vida; ele está aqui entre nós na luta. A luta pela vida, pela terra, pelo babaçu e a natureza preservada é uma exigência da fé libertadora... Meu abraço e



um cheiro na Chica Lera. Que ela continue sendo essa luz que irradia entusiasmo e ânimo para a caminhada da libertação. A caminhada para a libertação é demorada, mas não podemos parar, não podemos perder o gosto pela caminhada e desanimar diante de tantas ventanias que parecem nos abalar. Coragem! Deus está conosco e é o Deus da vida! (**Padre Ladislau João da Silva, Teresina - PI**).



**Pe. Ladislau.**

Foto: terradeboaesperança.com.



**Pe. Ladislau.**

Foto: Chico Museu.



**Ato em solidariedade ao Pe. Ladislau. Foto: PT Esperantina.**

## AS AMEAÇAS DO FAZENDEIRO

Eu estava começando a participar da comunidade, dos encontros fora, em Teresina e em São Luís. Lá na reunião foram falar qual o direito que o fazendeiro tinha no coco, quantos quilos ele tinha direito e quantos quilos eu tinha direito. Foi aí que eu fui descobrir que se eu quebrasse 10 litros de coco, ele só tinha direito a dois. Oito era meu e podia vender aonde eu quisesse. Como dono da propriedade, ele só tinha direito em dois quilos de coco e eu que tive que fazer toda a extração daquele coco, eu tinha direito a 8 quilos e eu podia vender aonde eu quisesse. Mas será se foi fácil? Foi não, da marcha que eu cheguei dessa reunião, fui fazer uma reunião lá na comunidade. Fui fazer a reunião, reuni as mulheres e fomos falar sobre a questão do coco, como era, qual o direito do proprietário e qual era nosso direito. Nesse tempo era só uma propriedade, não tinha assentamento não; era só uma área e a gente podia sair e entrar de um lado a outro. Todo mundo concordou. Minha filha, quando eu cheguei em casa após a reunião, eu já encontrei o recado que ele mandava dizer que se eu reunisse de novo as mulheres para conscientizar, ele mandava a polícia me pegar, me prender e arrancar os cabelos da minha cabeça. Ele mandou o recado, mas ele mesmo não foi. O proprietário não vai, ele manda.

Ele manda o recado pelo capanga e por pessoas que às vezes está junto com a gente. Você pensa que ele está ali assistindo, participando, mas é só para lhe entregar. Eu parei um pouquinho. Por quê? Porque eu não estava

bem segura, ainda não tinha bem segurança, ainda não estava com os pés bem firmados no chão. Eu parei um pouco, mas aí quando eu firmei os pés no chão, foi o que fez formar a comunidade que hoje é assentamento.

As mulheres quebravam coco e os homens iam vender escondido. Foi aí que começamos a vender coco fora. Gente foi presa, apanhou, mas a gente não desistiu, continuou e hoje é um assentamento. Mas o negócio foi difícil. O fazendeiro não vai logo, ele não vai, manda a polícia e a polícia não tem nada a ver com questão de coco. Ela tem a obrigação de ir atrás de bandido que anda assaltando o povo. A gente não desistiu de jeito nenhum.



**A luta pela reconstrução do açude Santa Rosa, no município de São João do Arraial. Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Evento em São João do Arraial - entrega da Carta de Denúncias e Reinvidicações das Quebradeiras de Babaçu. Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Reunião com a senadora Regina Sousa - entrega da carta com as reivindicações dos Povos e Comunidades Tradicionais do Piauí. Foto: MIQCB Regional Piauí.**



Comunidade Providência. Foto: Arquivo pessoal de Chica Lera.



Roda de Conversa das Quebradeiras de Coco Babaçu e Quilombolas sobre Terra e Território, em Olho D'água dos Negros, Esperantina- PI. Foto: MIQCB Regional Piauí.

## A CONQUISTA DA TERRA E DOS ASSENTAMENTOS

As conquistas, vamos falar primeiro da Pedrinhas. A luta ali foi toda enrabada uma na outra, a de lá e a da Providência. Começou em 1990. A desapropriação da terra só aconteceu em 1993. Em relação aos assentamentos Fortaleza a luta começou tudo num ano só. Da Fortaleza, a luta foi levada através da palavra de Deus. Eu levei o jornal do culto dominical para celebrar lá, para ver como é que ia ser para as pessoas se organizarem. Eu fazia parte da coordenação das CEBs<sup>15</sup> e do Conselho Pastoral Rural que tem lá. O que é o Conselho Pastoral Rural? Ele vai, anda e percorre as comunidades da região. O que é que tem? Lá na comunidade da Pedrinha está acontecendo culto dominical todos os domingos. Tem o catecismo todo domingo para as crianças. Tem monitor de batismo, que são pessoas que dão palestra para quem vai batizar os meninos. O conselho se reúne duas vezes no mês para ver quais as dificuldades que a comunidade está enfrentando, se é na catequese ou nas celebrações aos domingos. Lá na Pedrinhas houve a primeira celebração em uma casa, pois nessa época nós não tínhamos a casa da comunidade. Em 1993 houve a desapropriação da Pedrinhas, se eu não estiver enganada. Para essa desapropriação, foi muita luta, muita gente me xingou, quando eu ia para reunião, me chamavam de cachorra.

---

<sup>15</sup> Comunidades Eclesiais de Base.

Em outubro de 1992, os trabalhadores da localidade Amargosa só tiveram o direito de brocar, derrubar e queimar a roça, mas não tiveram o direito de encoivarar e cercar, por que o patrão não deixou. O padre Ladislau me chamou e pediu que eu organizasse as comunidades para trabalhar na roça. Eu organizei as lideranças e fomos trabalhar. As mulheres iam juntar os garranchos e os homens pegar a madeira para cercar as roças. Quando o proprietário soube, mandou fotografar nós trabalhando. Depois foi a polícia para nos prender. Eles nunca pegaram nós na roça. No dia que eles iam, nós não íamos. Em junho de 1993, no tempo da colheita, o proprietário proibiu de colhermos o legume. Ele entrou com a causa na justiça. Novamente o padre Ladislau mandou que eu reunisse a comunidade, desta vez para uma celebração. Juntou todas as comunidades e teve a implantação do cruzeiro. Quando terminou, o padre Ladislau disse que o nosso objetivo agora era outro: “Quem tem coragem de ir apanhar legume na roça dos moradores da Amargosa?”. Todos disseram: “Estamos prontos para ir”. Fomos todos para a roça e foi a coisa mais linda do mundo. Foi lindo demais ver mulheres e homens trabalhando. O padre Ladislau, o presidente do sindicato, todos juntos. Apanhamos todo o legume e deixamos nas casas. O almoço foi na roça. Estavam presentes as comunidades Pedrinhas, Providência, Tapuí e Morada Nova. E eu no meio dessa luta junto com a comadre Remédio, que já é falecida. Com a palavra de Deus vencemos tudo. Por causa da luta fomos processados, mas valeu a pena lutar. Hoje eles são os donos da terra.

No mês de julho de 1990, eu fiz a primeira reunião com as mulheres da comunidade Providência para falar sobre os direitos que nós tínhamos sobre o coco babaçu. Se nós quebrássemos 10 quilos, o patrão só tinha direito a 2 quilos e nós podíamos vender a nossa parte para quem quiséssemos. Por causa disso começou a raiva do proprietário. Ele mandou dizer que se eu continuasse fazendo reunião ia me pegar. Parei um pouco e em 1992 dei continuidade, pois já estava mais preparada para a luta. A continuação foi com a palavra de Deus. Todos os domingos eu fazia a celebração debaixo

das árvores. Em 1994, foi levantada a Casa da Comunidade e o proprietário mandou derrubar, mas os moradores não deixaram. A briga não parou e um companheiro foi preso por vender o coco em outro comércio. Tomaram o coco do Manoel Avelino. No ano de 1996, com a nossa luta, houve a desapropriação da terra da Fortalez 3 e 4.

Quando a gente começou a organizar o pessoal, eu junto com eles lá organizando, conscientizando como que era, o proprietário proibiu deles fazerem a roça. A gente já começou a ver como ia ser. Entrou o sindicato, a igreja e padre para ajudar na questão da desapropriação. Foi gente preso, gente passou três meses fora de casa, porque a polícia andava atrás para prender. A gente lutando pela terra, mas nessa época quem resolvia essas coisas de terra era a polícia. Mas você sabe que eles entram no assunto que não é deles. As pessoas passaram três meses fora de casa, pois a polícia queria prender por causa do coco babaçu. E eu volto atrás um pouco: a nossa luta nessa época não era tanto pela terra, a luta era mais pelo coco babaçu, que as mulheres não tinham o direito de quebrar e vender onde queriam. Mas as palmeiras estão na terra. Nosso foco era mais na questão do coco, a palmeira ela sempre está no meio da história, mas a nossa luta era pela liberdade das mulheres apanharem o coco, quebrar e vender onde elas quisessem. Foi quando começou essa luta em 2003.

Quem era do lado do patrão me xingava mesmo. Mas eu não fui dar ouvido para isso. Fosse outra pessoa, diria: “Eu não piso mais lá”. Mas eu: “Pois agora é que eu vou”. Eu sempre fui teimosa assim: “Agora que eu vou!” Diziam: “Tu ainda vai apanhar”. Eu respondia: “Eu não me importo”. Meu marido dizia: “A polícia vem te buscar”. Eu respondia: “A cadeia não ficou para burro nem jumento, foi para homem e mulher. Se me prenderem, eu saio daquele diabo”. Eu não tinha medo. Quando os trabalhadores iam para lá, eu era secretária do sindicato, eu ficava lá no meio deles na delegacia. Eu ia para lá e ficava no meio do pessoal das Pedrinhas, do Olho D’água dos Pires e do Olho D’água dos Negros. Nas comunidades não tem uma



que não tenha um pedacinho do meu dedo. Eu inventava para o presidente do sindicato que eu ia visitar minha irmã no hospital. Nada mulher! Eu ia para a delegacia ficar no meio deles. Se eles fossem presos, eu ia também. Eu brigava lá e os policiais gritavam: “Vão embora seus bandos de vagabundos”. E nós respondíamos: “Vagabundo são vocês, se não quisessem a gente aqui, não tinham trazido nossos maridos para cá”. Eles falavam: “Vão cuidar da comida dos maridos de vocês”. E nós dizíamos: “Vocês é que vão dar comida para nós aqui?”. Naquele tempo que o sindicato era rico, para não dizer que era pobre, no sindicato tinha um cercadão cheio de macaxeira, eu arrancava as macaxeiras, cozinhava para dar para aquele povo comer, pois não tinha outra coisa.

Também teve a Providência, que foi o mesmo processo. Quando eu comecei a participar das reuniões em São Luís, do encontro das quebradeiras, já estava se organizando o pessoal de Imperatriz, com a Querobina e a mulher de seu Manoel da Conceição, a Denise. Tinha a dona Raimunda, do Tocantins, que hoje é finada. Então a gente se encontrava para discutir o que estava acontecendo no Tocantins, o que é que estava acontecendo nas comunidades de Imperatriz. Discutindo e tirando as estratégias. Eu já participando, quando apareceu a questão dos advogados, que ajudaram a gente falando como era para fazer e as coisas que nós tínhamos direito. Se quebrasse 20 kg de coco, quantos quilos de coco o proprietário e os barraqueiros tinham direito. Eu fui aprendendo e levei o conhecimento para a Providência. Nós não tínhamos comunidade nem nada. Fiz reunião com as mulheres. O dono soube por pessoas que estavam na reunião com a gente. Teve gente que saiu de zé fininho, amarrou no embainhado da calça e foi dizer para o proprietário que eu estava fazendo reunião com as mulheres, organizando as mulheres para vender os coco fora. E aí o velhão mandou dizer que se eu continuasse com essas reuniões com as mulheres, ele mandava a polícia me buscar, me prender e mandar arrancar todos os cabelos da minha cabeça. Como ainda não estava bem segura, você tem que se preparar primeiro para saber como é o chão

que você está pisando, eu disse: “Não, eu vou me informar mais, para quando eu entrar, eu entrar com tudo”. Comecei fazendo parte da coordenação do movimento, lá em São Luís do Maranhão. Todas as reuniões que tinha, a gente ia. Era manifestação contra o Lobão, que era o governador naquele tempo. Contra a Roseana Sarney, fizemos uma manifestação no palácio de São Luís. A gente foi descobrindo. Quando entrei na Providencia, eu já levei a folha do culto dominical para celebrar lá. Celebramos dois anos debaixo dos pés de árvore. Onde a gente entrou, gente foi presa. As mulheres não iam, mas os homens iam, pegavam o coco, vendiam fora para fazer mais dinheiro. Gente foi presa na Providência. A polícia tomou saco de coco de gente e até hoje nunca pagou. Engrossou o caldo, engrossou mesmo. Não desistimos e ficamos assim muito tempo. Eu acompanhei essa comunidade durante dois anos completos. Quando eu vi que todo mundo já tinha capacidade de bater asa e voar, eu disse: “Agora é com vocês”. Com dois anos foi levantada a casa da comunidade. Mas eu disse: “Se preparem que o proprietário vai mandar derrubar a casa da comunidade e aí como vai ser? Porque ele vai mandar chegar aqui e perguntar quem é o cabeça e o que vocês vão dizer?” Eles disseram: “Não, se eles vierem, vamos dizer que aqui não tem cabeça, que somos todos nós”. Porque eles queriam saber quem era o coordenador daquilo tudo, eles não iam procurar saber quem estava participando, queriam era o coordenador. Disseram: “Não se preocupe que nós não vamos dizer que é você. Aqui vamos dizer que a cabeça somos todos nós”. De fato, o proprietário mandou derrubar a Casa da Comunidade, mas não derrubou, porque eles se posicionaram ao redor da casa e disseram: “Não derruba, porque se derrubar, nós derruba por cima de vocês”. Através dessa comunidade, hoje tem uma capela muito bonita, tem o projeto de processamento do mesocarpo, onde as mulheres trabalham tirando o mesocarpo. Tem o forno de torrar o coco, onde elas tem a salinha, onde colocam os produtos delas. Então tudo foi conquista dessa luta. Tem outra casa só para trabalhar com azeite, que foi derrubada no outro assentamento.

Hoje já tem outra casa levantada e bem encaminhada. Tudo isso foi conquista. Tudo foi fruto da luta e a gente junto.

A gente pediu a desapropriação da área da Fortaleza, era só uma Fortaleza. Você sabe como é esse povo, essas entidades, especialmente o INCRA, é uma tartaruga, deixa tudo acontecer. O que aconteceu: o INCRA deixou o proprietário, o dono da terra morrer. Com o passar do tempo, a dona que era herdeira também morreu, ai vai fazer o que? O inventário, a divisão. Foi feita a divisão e cada um dos herdeiros ficou com uma Fortaleza. É essa a história da Fortaleza 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

Isso foi depois do inventário. Mas a gente tinha pedido a desapropriação da área toda. Depois do inventário, foi comprando de cada herdeiro. Foi desapropriado primeiramente a Fortaleza 3, que era de um dono; depois foi a Fortaleza 6, que era de um outro dono. Ele não tinha só essa propriedade, tinha outras e para não desapropriar a outra propriedade, ele abriu mão dessa daqui, porque ele tinha uma outra lá. E assim foram todos eles. Só não foi desapropriada a Fortaleza 1 e a 5. As pessoas da Fortaleza 1 continuam lá. Eram poucas pessoas que moravam lá, pois na época tinha poucas pessoas. Hoje tem mais porque o outro herdeiro que ficou, loteou e foram fazendo casa.

Atualmente, são pequenas propriedades, tanto a 1 como a 5. Como não deu para desapropriar a 5, ele deu dois hectares para cada morador. Quem tinha mais condição, ganhou um lote daqui para cá, mas como a condição dava, comprou e ficou com esse daqui para cá, aí ficou maior. Lotearam porque era pouco morador dentro. Deram para alguns que estavam ali dentro. Dois hectares para um, três ou quatro para outro. O resto ele loteou e quem tinha condição foi comprando.



**Aniversário da Comunidade Tapuio, Esperantina - PI.  
Foto: Arquivo pessoal de Chica Lera.**



**Fórum local sobre o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA),  
em Esperantina - PI. Foto: Jornalesp.**

Dona Francisca é uma pessoa de um coração enorme. Eu te agradeço de todo o coração. Aprendi muito com você e conheci muitas regiões. Obrigada! Uma das coisas mais importantes que você me ajudou foi o conhecimento. Sabia muito pouco a ler e mal assinava o meu nome, mas você sempre me incentivou. Hoje sou grata por tudo. Voltei a estudar e hoje estou aqui lhe agradecendo. Obrigada minha amiga. Eu sou da comunidade Jatobá, município de Joca Marques do Piauí. Quero que saiba o quanto eu te admiro, pois você é uma mulher guerreira. Lembro de quando começou a luta pelos direitos das quebradeiras de coco babaçu e dos trabalhadores rurais, quando ainda estava no CEPES. Só depois que você passou a fazer parte do MIQCB, como coordenadora do Regional Piauí. Em sua estadia, junto com sua equipe, fez uma visita a nossa comunidade, precisamente no ano de 1998. Com você veio a Vilma Amorim e juntas explicaram como seria a luta pelo babaçu e como nossas vidas iria mudar. Falou que para isso acontecer tínhamos que formar um grupo para trabalharmos juntas. Gostamos de sua ideia e formamos um grupo e você me colocou como coordenadora logo no ano seguinte.

Lutamos juntas pelos nossos direitos e com sua ajuda conseguimos recurso para fazer uma cantina comunitária onde as quebradeiras vendem seu coco babaçu e compram seus alimentos e daí conseguimos mais e mais. Foi muita luta, mas nós nunca baixamos a cabeça. Tempos depois com a ajuda de toda a equipe, me tornei coordenadora do MIQCB do Regional Piauí. Juntas nós conseguimos muitos projetos, como uma forrageira, dois fornos de fazer bolo e um de torrar coco. Conseguimos armários, freezer, computador, fogão, tacho para colocar azeite e tudo graças ao MIQCB e todos os companheiros. Através de outros projetos nossa comunidade teve o privilégio de conseguir vários outros projetos (**Domingas Fátima de Freitas, Comunidade Jatobá, Joca Marques**).



**Chica Lera com dona Domingas na Comunidade Jatobá, Joca Marques - PI.  
Foto: Jucelino - MIQCB Regional Piauí.**



**Chica Lera com as mulheres da comunidade Jatobá,  
Joca Marques - PI.  
Foto: Jucelino - MIQCB Regional Piauí.**

A luta pela terra na comunidade Pedrinhas começou com a dona Chica Lera junto com o sindicato de Esperantina. Ela começou a nos organizar para lutar por nossos direitos e no dia 25 de agosto de 1993 houve uma celebração da palavra de Deus. Foi grande a pressão do proprietário com os trabalhadores. Um trabalhador era a favor e outro era contra. Mas a luta não parou e dona Chica Lera estava sempre junto com a gente, nos dando força e coragem. Foi briga feia. Dois trabalhadores tiveram que deixar suas famílias e ficaram foragidos por causa da perseguição do proprietário que ameaçou de morte. Eles passaram 3 meses fora de casa e Francisca Lera junto conosco. Eles voltaram para casa graças ao advogado do sindicato e o padre Ladislau foi uma grande força para nós. Dona Chica Lera vinha todos os domingos fazer a celebração da palavra em baixo das arvores. Em 1995, foi levantada a Casa da Comunidade, tendo como padroeira Santa Rosa de Lima. Dona Francisca foi e é uma mulher forte e corajosa. Ela dá força para quem não tem e anima os desanimados. Obrigada dona Francisca pela sua presença, pelo seu ânimo (**Socorro Antônia Moraes, Comunidade Pedrinhas, Esperantina**).

Ela é uma quebradeira de coco maravilhosa. Uma mãe, uma bisavó maravilhosa. Eu tenho muito a agradecer por tudo que eu aprendi e que ainda vou aprender com ela. Mulher guerreira, de fibra e muita coragem. É uma lutadora. Quando a gente está nas reuniões, as pessoas perguntam por ela, isso é em todas as reuniões que a gente está. Ela canta com muita alegria, com muito prazer. A gente sente muito orgulho por ter uma pessoa como Chica Lera. Ela é animada, feliz e muito forte (**Fátima, MIQCB Regional Piauí**).

A partir dos anos 1986 e 1987, ingressei no movimento através da articulação das mulheres trabalhadoras rurais das comunidades do município de Esperantina. Fizemos reuniões e palestras sobre a grave situação de exploração, violência, falta de assistência de saúde e educação. Passou um tempo e iniciamos a organização de um grupo de mulheres, que incentivamos participarem de outros movimentos como o CEPES, igreja, Sindicato de Trabalhadoras/es Rurais, Comunidades Eclesiais de Base, Comissão Pastoral da Terra. Nestes movimentos tivemos bastante conhecimento. Após a criação de vários grupos e mais conscientização das mulheres, passamos a luta de organização do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Piauí, já com dona Chica Lera na coordenação. Contamos com o apoio da CPT, Cáritas, MST. Esta coordenação contou com a liderança de outros municípios do estado e para facilitar o trabalho dividimos por região, ficando mais ou menos assim: Floriano, Bom Jesus, São Raimundo Nonato, Picos e Teresina. As coordenadoras de cada região articulavam encontros de criação de pequenos grupos nas comunidades dos municípios. Dona Chica Lera liderou a região Norte por vários anos, inclusive Esperantina. Capacitamos mulheres para participar do STTR, da política e em todos os espaços da sociedade (**Francisca Martins, Vila São Pedro, Morro do Chapéu**).



**Floresta de babaçu em Esperantina. Foto: MIQCB Regional Piauí.**





**Catando coco babaçu.  
Foto: Raoni Barbosa - Portal Cidade Verde.**



**Comemoração dos 46 anos de existência do Sindicato dos  
Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Esperantina, 12/09/2014.  
Foto: Jornaesp.**

## O DIREITO A GENTE SÓ ADQUIRE NA LUTA

Lá no banco Itaú, em Esperantina, a mulher estava entregando as ficha e eu fui a última a receber a ficha. Como é que é minha senhora? A senhora está pensando que eu não conheço o Estatuto do Idoso não? O meu filho estava lá: “Mamãe!” E eu: “Menino, me larga! Me deixa!” “Minha senhora, a senhora está pensando que eu não conheço o Estatuto do Idoso? Eu conheço não é todo, mas uma parte eu sei que um idoso tem o tempo que ele pode passar numa fila e eu não tenho nem a obrigação de enfrentar fila. Eu estou com 80 anos!” E isso chamou atenção do gerente. “Se eu com 80 anos não tenho o direito de ir lá para frente receber essa tal de ficha, que diabo que eu estou fazendo aqui? Para que foi que eu lutei a minha vida toda?”. Como eu aprendi isso? Foi no movimento, na luta, reconhecendo, tendo conhecimento dos meus direitos. E também como a Dominga fala: “Repartir esses direitos para outras mulheres, não só para mim, mas para outras mulheres!”. E ela me botou na frente, teve que me dar a ficha. “Ou você me dá ou eu avanço o sinal!”. No hospital foi do mesmo jeito. Eu fui para bater uma radiografia, quando cheguei, entrei na frente e estavam os jovens ali. Eu disse: “Meu filho é um direito meu, eu lutei por esse direito de eu chegar aqui. É um direito meu. Você vai chegar a esse ponto como eu. Porque eu não lutei só por mim. Eu vou deixar esse direito, nós vamos deixar esse direito para muitas pessoas. O direito só é botado em prática quando você cobra, quando você exige. Se você não exige o seu direito, ele

fica todo tempo lá no papel e não vale coisa nenhuma. Mas ele só é botando em prática quando você luta por ele. E eu tenho esse direito e eu estou aqui!”. Isso chamou a atenção de todos. Outra vez nós viemos para Teresina, para participar de um encontro, não sei mais do que era. No encontro tinha uns homezão na frente, com umas bandeiras na frente e as mulheres não podiam passar na frente dele. Ele era o cacique! E eu com as meninas, eu disse: “Quer ver como vou já fazer uma danação?”. Saí do lugar onde eu estava e fiquei bem na frente dele. Ele disse: “Você não pode ficar aqui não!”. Eu falei: “Por que eu não posso?”. “Pode não, porque aqui é o lugar só para o cacique!” “Eu disse: “E de quem é filho do cacique?”. Mas ele não era índio não. Ele estava querendo dizer que era cacique, que era o tal, que era o chefe da coisa. E eu perguntei: “Vem cá, de quem é filho o cacique, num é da cacica? Meu amigo, o mesmo direito que você está tendo de ficar aqui na frente, eu também tenho como mulher. Eu sou filha de um homem e você é filho de uma mulher”. O direito da gente, a gente só adquire quando a gente luta por ele, se não ele fica só no papel. Eu estou sabendo que eu tenho direito a um bom atendimento, mas nunca vão me dar de graça não!



**Dia do Trabalhador Rural nas ruas de Esperantina, ano 2012.  
Foto: Jornalesp.**



**Roda de Conversa na Comunidade Olho D'água dos Negros, em Esperantina. Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Produção de bolo na comunidade Tapuí, núcleo fundado por Chica Lera. Foto: Jucelino - MIQCB Regional Piauí.**

## ATUAÇÃO POLÍTICA

Eu fui aprender mais foi quando eu entrei para questão... eu estava para onde, minha nossa senhora? Quando eu cheguei tinham colocado meu nome para o Rio de Janeiro. Lá, o pessoal lá da direção do PT. Da executiva de lá.

Aí cheguei sendo candidata, mas aí é como eu falei, eu não estava ainda muito bem preparada para saber mesmo o que é ser política. O que é a política mesmo. Pra você ser candidata precisa saber o chão que está pisando e precisa ter sangue de barata. Me colocaram lá, porque naquele começo era para atender a questão da cota, da cota das mulheres, que tinha que ter um número de mulheres, por isso me jogaram lá no meio. E eu fui... Gente, para mim, foi uma experiência muito boa, eu aprendi. Vi quem é a seu favor e quem é contra você, isso só vai saber nesse momento e sem você ter dinheiro. Mas eu, eu fui e teve gente que babou, fez assim para eu sair. “Se vocês me botaram aqui dentro, eu só vou sair no final. Viu?” Teve uma que nós tivemos uma derrama. Que ele, na época que eu fui candidata, ele era candidato também, num sabe? Ele ficou naquela suspeita comigo, por que eu não sei. Se eu disser que eu voto para você, menina pode chorar rios de sangue, pode botar um monte de dinheiro, mas eu voto. Ou que você ganhe ou que perca, mas meu voto é seu. Um dia ele me pressionou a fazer campanha para ele, me pensou que era para eu desistir. Eu fui e disse: “Quem foi que ajudou você a preparar o bolo? Eu ajudei você a preparar este bolo e por que que agora você não quer me dar um pedaço desse bolo? Por que? Eu não vou

desistir da candidatura. Ou que eu ganhe ou que perca”. Mas eu sabia que não ia ganhar, eu não tinha dinheiro. E para finalizar eu disse: “E se você pegar com muita insistência eu vou te entregar para a direção do PT”.

Eu não me lembro o ano. Mas realmente a gente se encontra com cada coisa. Oh, serviço pesado! Pra mim foi. Ser candidata e sair nas casas pedindo voto, é muito melhor dizer: “Dona Francisca, vá fazer uma palestra para falar disso assim assim lá na comunidade”. Que eu ia, ia e ia sorrindo. Mas na hora de sair na casa para pedir o voto, meu Deus! Eu disse: “Eu tenho é certeza que eu não me candidato mais nunca”. Olha, o que você encontra: “Eu voto em você se você me der isso assim”. Você fica com a cara! Olha, eu cheguei numa casa para pedir voto, o homem disse pra mim: “Qual é o seu grau de estudo?”. Eu pensei: Valha meu Deus! Ele continuou: “Onde você aprendeu?”. Eu digo: “Eita diabo! Mas não tem nada não”. Eu disse: “Olhe, eu só vou lhe responder sua pergunta, quando você me disser por que você está me perguntando sobre o meu grau de estudo e aonde eu aprendi, aí eu lhe respondo, mas enquanto não, se você não me responder, eu também não lhe respondo”. Ele disse “Não, porque eu assisto a propaganda de vocês no rádio e quando chega a sua vez, você fala limpo, não titubeia nas coisas, não gagueja”. Eu disse: “Ah, e você pensou que era um mulherzona, bonita, cheia de balangandans, toda chique. Pois é essa neguinha aqui. Se você achar que eu mereço, vote em mim. E onde aprendi? Foi o sofrimento que me ensinou. Porque ele teve o direito de estudar como homem e eu não tive. Porque na minha época, você tinha o direito de estudar, mas eu como mulher não tinha. Você teve o direito de estudar para ser veterinário, um médico, um juiz, mas eu não. A mãe não me deixou aprender a ler, nem escrever, para não mandar bilhete para namorado. Satisfeito?. Foi a luta e o sofrimento que me ensinou. E estou agora lhe pedindo o seu voto”. Teve gente que disse que se eu desse uma caixa de fósforo, votava em mim. Eu disse: “Pelo amor de Deus, companheira! Seu voto vale mais que uma caixa de fósforo. Comadre, hoje você vai dormir no escuro, amanhã você não vai acender o fogo, porque mesmo que eu tivesse

o dinheiro ou a caixa de fósforo, eu não lhe dava e não lhe dou. Eu tenho, mas não lhe dou. Se você quiser votar em mim como comadre, vote, mas se for para ganhar uma caixa de fósforo, não vote em mim”. Outro pedia para eu pagar passagem para o Canindé. Tudo pessoa conhecida, criada junto, não era pessoa que não conhecia a gente, não. Eram as pessoas que eu convivia no dia a dia. “Companheiro, pois você não vai no Canindé às minhas custas não. Você pode ir às custas de um outro vereador, mas às minhas custas, não, porque eu tenho certeza que São Francisco não vai ficar satisfeito se você pagar sua promessa comprando passagem comigo comprando seu voto”. A minha experiência como candidata foi isso aí. Eu fui candidata a vereadora só uma vez e não quis mais não. Outra vez quiseram me jogar de novo e eu disse: “Meninas vocês sabem de uma coisa, quem enche o cu de judas é molambo. Daquela vez vocês me pegaram nua e crua e me jogaram lá dentro para eu ser candidata, mas hoje que estou mais inteligente um pouquinho, sabendo das coisas, eu não vou não”.



**Chica Lera sendo homenageada pela prefeita Vilma Amorim, em sessão solene na Câmara Municipal de Esperantina, no dia 08 de março de 2017. Foto: ASCOM.**



**A governadora em exercício, Margarete Coelho durante a 67ª edição da Exposição Agropecuária do Piauí (EXPOAPI), entregando a Chica Lera a medalha do Mérito Agropecuário “João Mendes de Olímpio de Melo”. Foto: Diário do Longá.**



**Recebendo do governador Wellington Dias a medalha Ordem Estadual do Mérito Renascença do Piauí. Foto: Diário do Longá.**





**Solenidade de entrega da medalha Méridio Renascença.  
Foto: Diário do Longá.**



**Chica Lera com Lima, deputado autor da Lei do Dia Estadual da Quebradeira de Coco Babaçu. Foto: Portal Visão Piauí.**

Falar da dona Francisca Lera, não é muito fácil, pela pessoa que ela é e representa pra todas nós mulheres. Sua garra, sua força, sua vontade de ver as coisas acontecendo e sua disponibilidade, o que deixa muita gente sem entender essa capacidade dela e querer muitas vezes ser o que ela é.

Por outro lado é fácil falar da dona Francisca Lera, por saber de seus sentimentos, por ter acompanhado sua vida inicial nos movimentos, sua luta pra ser LIVRE, seu desejo de ver suas companheiras livres e principalmente suas grandes lidas diárias pelo babaçu livre, expresso nas reuniões, nas manifestações, nas cantigas e no incentivo dado a tantas mulheres.

Dona Francisca é sinônimo de luta, de esperança, de determinação e que mesmo com pouco ou sem estudo é possível ajudar na transformação do mundo, com sonhos e ações. Assim é a dona Francisca Lera, mulher, mãe, vó, líder, sonhadora, lutadora e exemplo para muitas (**Vilma Amorim, Prefeita de Esperantina**).

## TERRITÓRIO E IDENTIDADE DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Uma dificuldade é devido à devastação que está tendo. O proprietário dividiu, loteou todinho e as pessoas pegaram parte de coco, muitos venderam, ficaram só com a parte da casa e hoje não tem nem um coco para apanhar. Um dia um rapaz chegou e disse: “Não, não existe mais quebradeira de coco!” Eu falei: “Olha se existem babaçuais, existem quebradeiras e se existem quebradeiras, existem babaçuais”. Hoje, se ainda existe a parte dos babaçuais é porque existe quebradeira. Por isso é bom que vocês conscientizem as mulheres para elas se organizarem, valorizarem a cultura delas. É uma cultura, uma identidade. A gente se identifica e muitas mulheres também. Mas tem filhos das quebradeiras que se envergonham. Por favor, não tenha vergonha de dizer que é filho de extrativista, não tenha vergonha de dizer que é filho de um trabalhador rural. Mas hoje muitos se envergonham. Pois eu não tenho vergonha de dizer não, sou filha de quebradeira e criei meus filhos, meus netos quebrando coco. E hoje já tenho bisnetos. Não tenha vergonha de dizer que é filha de um trabalhador rural ou de uma quebradeira de coco. Jovem tem isso, tem vergonha de dizer. O pai está lá no campo, trabalhando, morrendo para mandar o dinheiro para ele na cidade para estudar e ele não valoriza. É a pura realidade.

A luta agora é o CAR<sup>15</sup> coletivo das comunidades tradicionais. O MIQCB está no meio, mas quem era para puxar, para tomar a frente, era o

---

<sup>15</sup> Cadastro Ambiental Rural.

sindicato. O sindicato não é de trabalhadores rurais? Então o MIQCB está para juntar forças com eles, trabalhar junto, mas não para ser o da frente. Eu não sei se estou certa ou se estou errada. Eu posso estar certa, mas no mesmo momento eu posso estar errada. Eu disse para a vice-coordenadora do MIQCB: “Para mim, eu estou achando que o MIQCB está fazendo o papel do sindicato, pois essa coisa aí era para ser do sindicato”. Mas nós estamos observando que o sindicato está envolvido com as empresas para fazer o CAR individual. O presidente do sindicato já foi chamado três vezes para reunião para falar sobre o CAR e ele não pisa lá. Então, o que ele está mostrando para nós? Que ele está junto com a empresa. O CAR vai sempre estar no meio dessa história. O CAR coletivo que vai estar sempre ali no território. Dentro do território tem todas as questões dos pais de santo, as benzedeira, as rezadeira, as parteira, têm todas as coisas ali dentro do território.

Eu queria que me enterrasse lá debaixo do meu pé de caju, na porta da minha casa. Eu quero lá para ver o povo passando no meio da estrada. E outra, por favor, não vão me enterrar em terra de ninguém. Vocês tem que me enterrar aqui na minha terra, onde eu lutei por ela. Eu quero é aqui. Que diacho! Eu lutei tanto por um pedaço de chão e ainda vão me enterrar nas terras alheias. Estamos pensando de fazer um local para as pessoas lá da área quando morrerem terem o local para serem enterradas. A minha mãe, como ela foi morar perto do poço onde a gente buscava água, ela disse que queria ser enterrada lá. Eu não, não quero ir para lá. Não vou, se me levarem para lá, eu vou pesar tanto que vão ter que cavar outro buraco. Eles falam que sou mulher teimosa, sou teimosa mesmo.



**Chica Lera e os produtos do babaçu. Foto: Francisco Leal.**

Das várias histórias que eu tive a oportunidade de viver com a dona Chica tem uma que me marcou muito. Um dia quando eu estava no movimento, nós iam para uma reunião de jovens em um assentamento de Esperantina. Chegando lá, antes da reunião, os jovens foram se reunindo em roda, ao redor de dona Chica Lera para conversar antes de iniciar a reunião e ela fez uma pergunta para uma reflexão. Ela perguntou se nós sabíamos por que estávamos ali, se sabiam por que tinham conquistado aquele espaço e estavam ali assentadas depois de tantos anos. Ela respondeu que foi através de muita luta. E ela falou: "Vocês estão aqui por conta daquela palmeira". Tinha uma palmeira bem grande de babaçu. Todo mundo olhou e ficou meio sem entender. "Por causa daquela palmeira vocês estão hoje assentadas na terra de vocês, produzindo, comercializando. Muitas de nós lutaram para ter acesso aquele coco que aquela palmeira produz. Na nossa época era através dele que nós alimentávamos os nossos filhos. As vezes, era o único alimento que tinha durante o dia, era a única refeição, quando a gente chegava do mato, depois de quebrar o coco".

Todos ficaram assim vendo aquela sabedoria, aquela analogia eu passei a perceber que era uma reflexão filosófica sobre a importância que tem a palmeira para a vida das quebradeiras, para a vida da gente, de todos nós que somos do território dos cocais. Nossas mães e nosso pais viveram através do babaçu. Ela foi contar a história de que durante muitos anos as famílias trabalhavam para os patrões, os coronéis e não tinham direito a construir uma casa. Moravam em taperas, eram escravizados pelos coronéis que começaram a impedir que as mulheres pudessem quebrar o coco. O pouco que quebrava tinha que ser repartido com eles e a parte delas recebia em vale, um papelzinho com aquele valor, que elas trocavam na quitanda dos próprios donos das terras ao preço que eles queriam. E a aquilo começou a indignar as mulheres, começaram a se questionar que aquilo não estava certo.

E a partir daí começaram a busca pelos seus direitos, o direito de quebrar o coco para dar alimento aos seus filhos. Dessa luta começaram a surgir outras conquistas, brigas pela terra. O coco estava em uma terra, então elas precisavam lutar pela terra, para ter acesso ao babaçu, ter o babaçu livre. Essa história sempre ficou comigo. Para eu contar a história da dona Francisca teria que ser uma manhã toda, porque são muitas histórias que a gente aprende com ela. Ela tem uma importância muito grande que eu não consigo nem visualizar. As vezes, a gente está em uma conversa, em uma discussão sobre algum tema, e em poucas palavras, depois de escutar todo mundo, ela fala com simplicidade e uma sabedoria tão grande. Todo mundo fica escutando e chega a conclusão que ela tem razão. A gente sempre diz que ela é a mãe de todas as quebradeiras. Eu era criança quando eu vi a dona Francisca com a minha mãe levando ela para os movimentos. Minha mãe via nela um grande potencial, sempre foi uma mulher guerreira, muita lutadora. Depois de muitos anos, mais de 20 anos eu tive a oportunidade de estar ao lado dela aprendendo e convivendo diariamente (**Aline Barros, Secretária de Desenvolvimento Rural - SDR**).



**Aline Barro e Chica Lera. Foto: Aline Barros.**

## A VALORIZAÇÃO DO BABAÇU VEM DA ORGANIZAÇÃO E DA CONSCIENTIZAÇÃO DAS MULHERES

Vários alunos, quando vão se formar, vão fazer pesquisa comigo. Graças a Deus, que vão até hoje fazer pesquisa comigo! Graças a Deus, até hoje, os que vão, sempre tiram nota boa. O MIQCB, o movimento, o babaçu hoje está valorizado, antes não era. Agora nós vamos aos colégios para falar sobre babaçu. A valorização é porque a gente começou com uma organização e conscientização das mulheres. Antes, os direitos nossos não eram reconhecidos como quebradeira, a gente não se identificava, tinha vergonha de dizer: “Eu sou quebradeira!”. Ainda hoje existe mulher que tem vergonha de dizer que é quebradeira. Eu não tenho! Eu não tenho vergonha de dizer que sou uma quebradeira, eu sou filha de quebradeira. Hoje, eu não estou mais exercendo aquela função de quebrar coco todo dia. Quando quero comer um peixe, uma galinha com leite de coco, eu vou quebrar, eu vou pisar para fazer, mas eu não estou diretamente ali. Eu tinha vontade de todo dia estar quebrando meu coquinho e quando desse final de semana eu teria mais um trocadinho para arrumar alguma coisa que eu queira. Mas ainda sou, porque quando quero eu quebro ainda, quando quero comer um peixe no leite de coco, uma galinha, uma carne de criação, eu ainda quebro, mas não efetivamente para vender. Ainda estou na luta, estou na briga para não derrubarem a palmeira. E canto: *Ei não derruba estas palmeira, ei não devora os palmeirais!*

Tem mulher que faz parte da associação, do movimento das quebradeiras, da coordenação da cooperativa. Tem mulher que tem filho e



marido que colaboram também com as mulheres. Hoje já está mais fácil. Ainda está meio capenga, mas já está assim mais no nível delas saírem sem ter um conflito dentro de casa. As mulheres fazem parte da organização da cooperativa, coordenadora das comunidades. Elas foram para aquele encontro lá em Brasília, no Senado. Olha, já é um avanço para as mulheres o marido que entendeu que pode ficar com o filho e ela ir para a luta. Mas ainda tá faltando mais. Está faltando as mulheres se organizar mais. A mudança foi se dando aos pouco. Foi difícil, pois ainda hoje tem aquela tradição das mulheres não participarem, não acabou. Ela está um pouco abafada.

Na comunidade a gente discutia esse tipo de coisa: “Que tipo de curso vocês querem que seja desenvolvido na comunidade?”. As pessoas diziam: “Quero um curso de relações humanas, que é a forma da pessoa saber conviver com o outro; um curso de direitos iguais para a gente saber então qual o direito que eu tenho, onde eu posso e onde não posso ir”. Eu não posso ir longe demais, muitas vezes passamos do limite e não é bom para movimento. É desse jeito. Hoje já tem mulher que é presidente da associação; já tem mulher que faz parte da coordenação do movimento. Antes era mais difícil.



**VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu do Território dos Cocais. Foto: Jornalesp.**

## DIÁLOGOS COM AS QUEBRADEIRAS DO CERRADO PIAUIENSE

É propaganda enganosa. Isso é um absurdo. O agro é isso, é aquilo e passa aquelas bananas bonitas. Mas será que foi você que plantou. E o agronegócio tem o apoio do nosso governador. E aí? Ele quer receber um não da gentes. Ele que se segure. É porque não está mais da gente aguentar de goela abaixo o que vem de mal pra gente não. É muito interessante essa visita no sul do Piauí. A gente só conhece, só sabe indo lá onde está o outro. Não indo na casa dela eu não sei se ela está passando bem, do que ela está precisando. Eu disse a elas: “Companheira nós não viemos aqui prometer nada para vocês. Vocês não têm e nós também não temos. Nós viemos aqui ter uma conversa”. Foi maravilhoso.

Aqui não tem diferença de onde eu moro não, de jeito nenhum, de jeito nenhum. Vão pensar que lá onde eu estou é um céu de alegria que não é não. As mesmas dificuldades que vocês enfrentam aqui para organizar as mulheres e os homens também é uma dificuldade lá.

Lá tem os mesmos problemas que tem aqui. Tem um pedaço da Vila Esperança que os gaúchos querem comprar. Já teve conflito lá, estavam ameaçando os moradores faz tempo. Queriam comprar para plantar soja. Tem um pedaço que já é deles. E quem é o culpado? O poder público, que queira ou que não queira ele está dentro da fogueira. Essas criaturas vêm para o município de Esperantina, alguns acordos ele assina com eles. Não tem para onde, porque eles num vão entrar de gaiato sem saber onde é

propriedade nem nada. Isso está mais só na Vila Esperança. Outras pessoas estão entrando lá e o movimento está acompanhando essa movimentação, esse negócio. Já teve até audiência.

No início nós quebrávamos só para vender, porque nem o azeite o patrão deixava a gente tirar para temperar comida. Você tinha que temperar só com o leite de coco, que era uma trabalhadeira danada para você pisar o coco, torrar e pisar o arroz, daí pisar o coco e tirar o leite para botar naquela comida para você comer. Não tinha direito de cercar a casa de parede de taipa, tinha que ser parede de palha, porque se fizesse de taipa o proprietário já mandava sair da terra.

Nós não sabemos mais do mundo em que vivemos, se pode ser uma coisa boa ou se vai é entregar as companheiras e a gente não quer fazer isso. Tem outra coisa: a gente já foi enganada muitas vezes com a questão de entrevista. Tem gente que fez a entrevista e nunca voltou para dar um resultado na comunidade. Então, a gente quer, já falei com um menino que chegou um dia na minha comunidade, na minha casa para fazer uma entrevista. Eu disse: “Olha, tu quer entrevista do quê? Tu só vem pegar a minha riqueza e não me traz nada”. E ele disse: “Mas eu não tenho dinheiro”. E falei: “Mas cara, eu não estou te pedindo dinheiro. Eu estou te pedindo dinheiro? Eu quero que você vá e me traga uma coisinha assim, um folder, um boletim que fale do que me perguntou. Mas você vem, não me traz nada. Agora só leva se trouxer alguma coisa depois”. Tem que ser clara com as coisas. Não, não é assim não. E outra, se chegar para fazer uma entrevista ou alguma coisa assim, eu digo: “Olha, vá conversar com a coordenação do MIQCB, se a coordenação autorizar, aí sim. Entre em contato com a coordenadora geral, ela vai dizer”. Hoje lá é assim para a gente não errar e nem fazer os outros errarem também. Não dá mais para abrir mão das coisas assim não. Então, a luta das mulheres é assim.

O MIQCB mesmo, quando comecei a participar, a gente saía de casa sem nenhum trocado no bolso e deixava a família em casa. Eu às vezes deixava a família em casa e tinha colega que me ajudava. Se eu saísse amanhã,

essa semana ela para minha casa me ajudar a quebrar coco para eu vender para comprar o que comer e deixar em casa. É muito ruim entrar no movimento sem ter o apoio da família, a cobrança é demais. Fui muito cobrada pelos filhos e pelo marido. A segunda vez que viajei para o Rio de Janeiro, fui pelo Centro de Educação Popular Esperantinense (CEPS), teve a queda de um avião, sabe o que o meu marido disse: “Morreu diabo! Não volta mais nem os pedaços para casa”. Quando eu cheguei: “Ai, tu ainda está viva?” Eu respondi: “E eu vou morrer para que?” (rsrsrs). Quando você quer uma coisa, você não desiste. Os filhos ainda hoje brigam. Esse danado aqui diz: - “Você não vai!”. E eu digo: “Quem manda em mim sou eu”. O filho que mora perto de mim fala: “Para onde é que a senhora já vai?” Eu respondo: “Vou viajar e ninguém me proíbe. Tchau, que eu já vou saindo”.

Eu fico irritada quando estou participando de uma coisa que tem mais mulheres do que homens, saúdam todos os homens e as mulheres ficam lá embaixo. Outro dia eu estava lá em Teresina, em uma manifestação e falava só nos homens. Por que não fala primeiro nas mulheres? Nós que somos as primeiras, não são os homens, certo? Porque se tem mulher, têm que falar primeiro as mulheres e não os homens.

Dona Chica Lera é uma guerreira, uma mulher de fibra, lutadora. Ela nunca desistiu dos seus sonhos, de lutar pelos seus direitos e favor das suas colegas de trabalho. A minha comunidade Sítio teve o prazer de conhecer a dona Chica Lera em uma reunião que ela falava sobre o trabalho das quebradeiras de coco babaçu em sua comunidade. Isso foi um grande incentivo para que as quebradeiras de coco da minha comunidade e do Cerrado quisessem dar mais um passo a frente, lutar pelos seus direitos e pela defesa do coco babaçu e dos seus territórios. Obrigada dona Chica, a senhora é uma guerreira. Você incentivou muito a mulheres quebradeiras de coco da minha comunidade (**Maria do Espírito Santo (Cris), Comunidade Sítio, Cristino Castro - PI**).



**Chica Lera visitando aos babaçuais no Cerrado piauiense com  
equipe de pesquisadores do PNCSA /UFPI.  
Foto: Laboratório PNCSA/UFPI.**



**Reunião com as quebradeiras de coco babaçu da comunidade São Francisco, em Palmeira do Piauí. Trabalho de campo do projeto  
Foto: Laboratório PNCSA/UFPI.**



**Trabalho de campo no cerrado piauiense, atividade do projeto  
Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu.  
Foto: Laboratório PNCSA/UFPI.**

## O AGRONEGÓCIO VAI TIRAR O SUSTENTO DAS PESSOAS

Palmeira é vida. Deixa em pé, deixa viver. O agronegócio vai tirar o sustento das pessoas. O que eles estão plantando não vai chegar para nós, vai para os Estados Unidos, vai para cacha prego. E não somos nós que vamos trabalhar naquelas terras. Esse agronegócio é a peste que vem arrasar com tudo. E diz que para o sul não tem babaçuais. É tudo mentira. No sul tem muito babaçuais. Não é como em Esperantina e São João do Arraial. Dizem que no semiárido não tem babaçuais. Que não tem! Mentira, tem muito. Pode ter pouco porque estão acabando com tudo. Garanto que quase não tem mais, porque estão acabando com tudo. Eu sei que eu canto: *Eu sou feliz é quebrando coco, é quebrando o coco que eu sou feliz. Eu sei que eu canto: Eu sou feliz é quebrando coco, é quebrando o coco que eu sou feliz. Mulher vamos nos unir, nossa força prosseguir. Se ficarmos aqui parada, nada vamos conseguir. Eu sei que eu canto: Eu sou feliz é quebrando coco, é quebrando o coco que eu sou feliz. Eu sei que eu canto: Eu sou feliz é quebrando coco, é quebrando o coco que eu sou feliz.*

Repudiamos os governadores dos Estados do Piauí, Maranhão, Tocantins e Bahia que articularam e apoiam a implantação do projeto MATOPIBA que destrói toda área do Cerrado que são os berços das águas desses Estados, que não respeitam os direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais garantidos pela Convenção 169 OIT. Nós, quebradeiras de coco e comunidades tradicionais, não apoiamos este projeto de morte e falamos em voz alta, NÃO AO MATOPIBA!

Estamos de pé e Não nos deixaremos Deter! Reafirmamos o caminho da insurgência dos povos pela nossa autonomia, pela garantia e cuidado com nossos territórios. Nosso compromisso é com os nossos modos de vida, com nossa forma de cantar, cultuar, dançar, relacionar. Não ao MATOPIBA, em defesa da Amazônia, do Cerrado e das Águas. Seguiremos cantando e agindo porque, ***a luta é por territórios livres! Pelo trabalho livre! Pelo coco liberto!!!*** (Carta do MIQCB contra o MATOPIBA, 24/09/2016).



## A LEI DO BABAÇU LIVRE

Sobre a questão do babaçu livre, gente, essa lei é uma lei difícil e já foi aprovada. Foi aprovada em alguns municípios do Maranhão e Tocantins. Agora na semana passada, a menina veio de Imperatriz, disse que ia levar para Câmara dos Vereadores, para ser aprovada a Lei do Babaçu. Eu tive a notícia, assim por alto, que juntou só um pouquinho de quebradeira, mas os vereadores mesmo não pisaram lá. Por que eles não foram? Porque os babaçuais estão dentro da terra deles, eles não querem. Em Esperantina também não foi. Até assessora do MIQCB foi no dia do lançamento, chegou lá, foi um quebra pau do diabo. Eles não aprovaram. Disseram que iam olhar e eu avancei o sinal. Eu sei que é proibido, mas eu não aguentei não. Eu tomei a fala lá do diabo do presidente da Câmara quando estava falando, eu avancei mesmo. Ele disse que era proibido. Eu falei: “Eu não estou me importando que seja proibido ou nada, essa casa é sua e é nossa também e você veio para cá por causa de nós. Nós não queremos sua terra não. Nós queremos que você deixe as mulheres entrar para quebrar o coco, não é a sua terra não”. Eu falei: “Diabo, tu morre e nem na tua terra tu vai enterrar. Tu vai ser enterrado nas terras alheia”. Eu avancei mesmo, eu disse: “Eu não estou nem me importando que seja proibido, eu vou falar nesse diabo aqui”. E eu sou assim, quando eu vou lá, os vereadores já dizem assim: “Olha a dona Francisca Lera!”. E eu digo: “É, porque se pisar no meu pé eu mando tu tirar”. Foi assim. É difícil mesmo, porque as terras lá, onde tem a maior

concentração de babaçuais está dentro das terras dos proprietários e eles têm o maior vínculo dentro da política. Os filhos deles são vereadores, deputados e senadores. Eles não vão aprovar. Como a companheira estava falando ali, nós também temos a preocupação com o babaçu livre. Eu tenho babaçu no assentamento, na minha área; mas na área da outra não tem. E a outra companheira tem razão, se a lei do babaçu livre for aprovada, ela tem direito de entrar onde ela quiser. Mas tem que ter o consenso das duas. Se não tem na área de uma, a outra diz: “Pois vambora colega, vem para cá, vamos nos unir para juntar o coco e quebrar juntas”. A gente se preocupa com isso também, mas não vamos entrar nas propriedades pequenas, que tem pouco babaçu dentro. Queremos entrar onde tem muito.

É como a devastação dos babaçuais, se a gente não abrisse o olho, lá onde eu moro não tinha nada. Eu moro num assentamento, nasci e me criei lá e hoje diz que é do INCRA, mas nós não temos nada do INCRA, nada, nada. E a devastação, de quem é? É do proprietário que derrubou. Por mais que a gente queira lutar, quando leva a proposta de lei para o governo estadual e federal, eles não dão porque nós não temos a maioria a favor da nossa organização. São os maiores fazendeiros que tão na Câmara de Vereadores, Assembleia Estadual e Federal. Os deputados, os ministros, os senadores que estão lá, são os maiores grileiros das terras. É por isso que a Lei do Babaçu Livre não sai, não vai aprovada devido a isso. E pode ver, tem lugar que já foi, mas por quê? Porque o dono da propriedade não tinha muito vínculo lá em Brasília, mas se tivesse não ia não. Mais quer saber de uma coisa (começa a cantar): *Eu sou quebradeira, eu sou quebradeira, eu vim para lutar, pelo meu direito, pelos meus direitos e vim reivindicar. Mais educação e saúde pra toda a nação, eu sou quebradeira, eu sou mulber guerreira, eu venho do sertão*. Olha: Mais educação e mais saúde pra toda a nação, viu? (Volta a cantar) *Mais educação e saúde pra toda a nação, eu sou quebradeira, eu sou mulber guerreira, eu venho do sertão. No Tocantins tem quebradeira, no Piauí tem quebradeira, lá no Pará tem quebradeira, no Maranhão tão a quebradeira*. Aqui em Bom Jesus tem quebradeira? Quem são as quebradeiras?

Lutar, não importa a idade, importa a sua coragem e a vontade de lutar, certo? Nessa idade, eu tenho 76 anos. Então é isso, essa é a nossa luta. *Entrei na luta, da luta eu não fujo, pra construir uma nova sociedade, pra juventude que tá aí construir uma nova sociedade.*



**Entrada do paraíso segundo a visão das quebradeiras: uma estrada sem fim, com os lados cheios de babaquais.**

**Foto: MIQCB Regional Piauí.**

## MATA ESSE BICHO, QUE O BICHO QUER TE MATAR

Elegeram um prefeito em Esperantina que eu não votei, ele não fazia parte da nossa luta, não sabia como era a nossa organização e não tinha entendimento de nada disso. No dia 25 de julho, dia do trabalhador rural, nós cantamos a música que a gente costumava cantar. Os meninos gostavam e ficavam me atuzigando para cantar. “Diacho, vocês me largam de mão! Cadê as pessoas mais novas? Pelo tempo que eu estou aqui e não aprenderam os cantos? O que diacho vocês estão fazendo?” E me botaram para cantar a música do bicho. “Menino, essa música não é apropriada para isso aqui, ela tem o seu momento, cada coisa tem o seu momento”. Mas insistiram e eu disse: “Está certo”. Quando fomos ficando perto da prefeitura, era uma caminhada, acho que era 1º de maio. Eu comecei a cantar. Mulher, eu só cantei duas estrofes do bicho. Quando eu olhei, alguém disse: “O prefeito mandou dizer que se você cantar essa música de novo, ele manda lhe matar agora”. Eu disse: “É parada para desmantelo, mas eu vou fazer o que? Eu só tenho uma vida e essa eu vou botar em jogo agora”. Mas eu só comigo, sabe? Não disse nada para os outros não. Eu só tenho uma vida e essa mesma eu boto ela em jogo agora. Aí eu arrochei o nó. Quando chegou mesmo na frente da prefeitura, foi uma bagaceira. Terminei de cantar a música, quando fui passando o microfone para o padre Ladislau, aí o bagaço foi feito, foi bagaceira. Quebraram microfone todinho, os capanga do prefeito, não foi à polícia não. Ele só tinha peça ruim acompanhando ele. Deram um

murro no padre Ladislau, eles puxavam o microfone para um lado e o padre Ladislau puxava também. De certo é que virou só o bagaço. O finado Santana que morreu, pegou um murro no olho e o Luiz Ana também pegou murro. Teve outro que cortaram a perna. Foi só na luta de murro e eu só lá em cima das calçadas olhando. Era a música do bicho: *Deixa esse bicho, não traz o bicho pra cá. Larga esse bicho, deixa o bicho se virar. Mata esse bicho, que o bicho quer te matar. Pelo que o bicho me disse, está querendo te enrolar.*



**Apresentação das Encantadeiras no Rio de Janeiro.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**

Eu me lembro da Chica Lera desde as primeiras reuniões que a gente começou a organizar o movimento e ela já era uma das companheiras de luta com uma história muito bonita. Eu me lembro que ela contava a luta pelos babaçuais, pela terra e que ela falava da situação das mulheres. A gente ficou sabendo da existência de mulheres que eram condenadas pelo “roubo” do coco. Eu lembro também dela na política, ela cantava a música do bicho e toda vez que eu vejo alguém cantar, ninguém canta como Chica Lera. É uma mulher de luta, muito inspiradora, a gente se espelha nela por ser mais velha do que nós. A gente vê nela a força de lutar, uma sabedoria. Ela expressa isso com um sorriso, mesmo quando ela está falando do sofrimento, da luta para ter o coco. Ela contou que queriam botar uma fábrica de óleo de coco babaçu e ela já vivia nessa luta, ainda na época que era assessorada pelo CEPES. Eu via que a realidade das quebradeiras do Piauí e da Baixada era muito em comum, a gente não tinha a terra. Eu tive o prazer de ir onde mora a Chica Lera quando ela ainda não tinha conseguido resolver a questão da terra. É tão difícil de falar dela porque ela é muito sábia, alegre e não deixava a gente desanimar. Às vezes eu acho que já estou velha para essa luta, eu digo que vou largar essa luta. Eu lembro que eu não posso fazer isso, seria muita vergonha, pois a dona Chica Lera está lá fazendo história, está na luta. A gente se inspira muito nela. É uma pessoa muito importante para o movimento. O Piauí e todo o movimento valoriza muito essa mulher. Eu fico pensando como era no começo, o que era a gente no final dos anos 1980, essa questão de ir pra rua se manifestar e de ser mulher, é muita coisa. Eu estou muito emocionada. Ela é essa pessoa que eu amo muito e que é muito importante para o movimento. Escrever sobre Chica e publicar essa história para mostrar para nossa companheira que estão ingressando no movimento é muito importante. Contar a história do movimento e não falar de Chica Lera você não está falando corretamente da história da construção do movimento (**Rosa, Coordenadora do MIQCB Baixada Maranhense**).

## PRECISA TER CORAGEM DE ENFRENTAR

Nós passamos por outra situação que eu vou falar. Foi aquilo que eu falei, o movimento se estendeu em Esperantina. O sindicato diz que não sabe o que é que nós fazemos para conseguir tanta gente. Você viu também lá em Miguel Alves o Dia da Quebradeira de Coco Babaçu. É porque a gente vai atrás, não temos dinheiro, mas vamos atrás de patrocínio. Bom! Foi uma luta lá em Nossa Senhora dos Remédios, luta do assentamento Canaã. Lá pertence a Miguel Alves. E aí a gente foi. Eu, Domingas e Helena. Nesse dia nós passamos por um vexame tão grande. O bispo de Miguel Alves foi para lá. A gente estava naquele negócio de organização, apresentação. Quando o bispo chegou e estava conversando, mas não sabíamos que um cara lá era capanga do dono da propriedade. Eu fui conversar com o bispo também. Na reunião eu fui explicar para as mulheres como se lutava, mas sem saber que o jagunço estava lá. Fui explicar e ajudar na quebra do coco. Terminou a reunião, nós viemos embora. Quando nós chegamos em Nossa Senhora dos Remédios, num restaurantezinho para jantar, adivinha quem chega junto com a gente? Não sabíamos se eles vinham seguindo nós ou se eles pararam para comer alguma coisa. Eu sei que nós desconfiamos. Junto com o cara estava o prefeito de Esperantina. Nós dissemos: “Vamos embora”. O motorista, que era dono do carro que estávamos disse: “Vamos, que na pista eu me garanto e quando chegar na piçarra, aí é que eu me garanto mesmo”. Gente, este carro ia que ia voando. Quando chegamos na estrada, o motorista disse:

“Agora aqui é comigo, eles só vão pegar pedra na cara”. Só melhoramos um pouco mais naquela estrada que pega para São João do Arraial, paramos um pouco e vimos que eles não vinham mais atrás. Então quem entra no movimento, passa por esses momentos. Precisa ter coragem de enfrentar. Tem comunidade que os caras foram lá para tomar. Eu fiquei com medo de mandarem nos matar. Então a gente entra para ajudar e bota a vida da gente em jogo.

Eu quero dar meus parabéns para dona Chica. Nós estamos conferindo a fundadoras e ela é uma fundadora do MIQCB. Hoje nós estamos na distância que estamos nós agradecemos a ela, todo o esforço dela. Quero dizer para dona Francisca que ela sempre vai estar viva na nossa memória. Mesmo que um dia ela não esteja mais trabalhando, mas ela vai contribuir com as necessidades do movimento. Ela lutou para que vocês da comunidade recebessem os benefícios e não mediu esforços para conseguir. Como Encantadeiras ela encantou em muitos lugares, levando notícia aí do Piauí e de todas as quebradeiras de coco. Parabéns a dona Francisca e que ela possa ficar fortalecida a cada dia com o nosso apoio **(Cledineuza Bizerra, MIQCB Regional Pará)**.

Chica Lera foi uma pessoa muito trabalhadora de roça, junto com o marido. Quebrou muito coco. Saía de manhã, só chegava de tarde e ia vender o coco no baracão para comprar as coisas para fazer a comida: arroz, feijão, café, açúcar, o básico. Isso foi até se ela se juntar com as pessoas e começar a vender o coco que quebravam fora do baracão. Foi aí que começou a confusão, pois o patrão não aceitava que ninguém vendesse o coco fora do baracão dele. Elas insistiram, porque queriam se libertar do cabresto do patrão. Foram muito perseguidas, vigiadas e quase foram presas. Mas não desistiram e juntaram mais pessoas e seguiram frente. Lutaram pelo lugar onde a gente mora e hoje nós vendemos o coco onde a gente quer e não pagamos renda para ninguém. Por isso eu considero essa mulher uma guerreira **(Maria Azenira Souza Lima, Assentamento Fortaleza 4, Esperantina - PI)**.





**Ato Público no Sindicato de Esperantina - PI.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Ato Público no Sindicato de Esperantina - PI.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**

## PREOCUPAÇÃO COM A JUVENTUDE E AS CRIANÇAS

A juventude e as crianças, essa é a nossa grande preocupação. Estou chegando a idade. Como eu falei tenho 76 anos; eu tenho a coragem, mas a força física não dá mais para exercer aquela função que eu exercia no dia-a-dia. Essa foi uma grande dificuldade nossa, uma grande preocupação com a juventude e as crianças. Foi bom? Foi. Como eu falei para vocês, eu não tive oportunidade muita de estudar, porque eu tinha que trabalhar para ajudar a minha mãe e pouco estudei. Eu fui criada assim, dessa forma, mas os meus filhos, minha filha mulher e meu filho homem, eu vou deixar estudar, tem que estudar. Hoje nós temos a preocupação, a criança não está mais exercendo aquele trabalho pesado. E a gente se preocupa com a juventude. Hoje tem o grupo Pindova. O quê é isso? O grupo Pindova é formado por aqueles meninos, aquelas jovens que não estão quebrando coco, estão estudando, mas estão vinculados ao babaçu. Eles estão trabalhando com o babaçu fazendo artesanato. Não estão lá quebrando o coco, mas estão valorizando, trabalhando com o coco. Hoje mesmo, graças a Deus, é difícil se ver uma mãe com um filho de sete anos, de dez anos, que não vá para a escola porque tem que quebrar o coco. Ele vai para o colégio estudar. A gente enfrentou uma grande dificuldade e ainda hoje estamos enfrentando por causa dessa história da criança e do adolescente estar quebrando coco. Por que aconteceu isso? Porque o povo que vai fazer uma entrevista, que vai fazer uma pesquisa, ele não vai numa comunidade onde as mulheres estão organizadas. Eles vão lá aonde as

mulheres, as trabalhadoras e os trabalhadores não estão organizados. Lá eles se aproveitam. E é isso que acontece. E nós estamos enfrentando essa dificuldade por questões de processo, depois que saiu que o cara foi fazer uma entrevista e disse que botaram a criança para quebrar coco e para dizer que as mães estavam colocando os filhos no trabalho escravo. É por isso que eu digo que tem que ter muito cuidado com esse tipo de coisa, essas entrevistas quando chegam na comunidade. Prestar atenção direitinho, porque se não a coisa não dá certo. Tem até uma música das crianças que falava assim: *Ninguém escuta meu grito, desconhece o meu sufoco, escondida lá no mato, com fome quebrando coco, escondida lá no mato, com fome quebrando coco. Temos direito a escola, saúde e alimentação. A brincar e ser feliz, tudo isso a lei me diz, mas continuo esquecido, sem nenhuma proteção, nesse trabalho pesado e na produção.* Ninguém escutava o grito dessa criança. E a gente tem que gritar, que se a gente não gritar ninguém escuta a gente. Agora se você gritar vão ouvir. Se você se calar, eu não vou saber do que você está precisando.

Pode observar, cadê a juventude? Hoje você pode ver que é mais pessoas idosas. Mas cadê a juventude? Ser jovem não é porque nunca casou. Eu disse isso outro dia lá na universidade, logo lá tinha muito jovem. Eu perguntei: “Cadê vocês meninos, te anima! Olha, eu estou com 79 anos, mas eu não me considero idosa, me considero uma jovem de 18 anos. Vocês têm 18 anos e estão piores do que eu que tenho 79 anos”. Eu sei que eu mexi com esses meninos lá. ‘Se mexam! Vocês não dizem que são o futuro, o amanhã?! Que futuro é esse que não se mexe? Só ligado no celular. Menino do diabo, larga esse celular!’. Hoje está uma grande perda do celular. Tanto para juventude como para as crianças e até adultos. Até no avião, de primeiro a gente conversava com as pessoas, hoje você vai e vem, só dá uma palavra na hora de fazer o check-in e pronto. Você vai de ônibus e também é a mesma coisa. Você vem de Esperantina até aqui, que eu não sei que tanto faz, é um ruído com a boca, é gesto, mas mexendo no celular.



**Atividade da Coordenação do MIQCB Regional Piauí com crianças e adolescentes filhos das quebradeiras de Coco babaçu.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Reunião da coordenação da juventude das comunidades tradicionais de quebradeira de Coco babaçu do MIQCB Regional Piauí. Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Desfile do dia 07 de setembro em Esperantina.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**

## AS ENCANTADEIRAS

Cada um tem um dom. Esse negócio surgiu em São Luís, que é o pai da coisa, foi onde surgiu o movimento. E o pai das encantadeiras. Eu não sei dizer como surgiu. Mas teve aquele projeto da Fundação Banco do Brasil. Que era para a cultura e já juntava um bocado dessas coisas. Nessa época, a Fundação Banco do Brasil foi juntar os talentos de cada pessoa e de cada grupo. Foi através desse projeto que a gente entrou nessa coisa. A gente tinha o cachê. Nós já cantávamos as músicas nos eventos, nos encontros. Quando tinha os encontros em Imperatriz, juntava eu, a Moça, a Silene, a Dôra, a Dijé, a Querobina, a Nice, a dona Raimunda lá do Tocantins. A música *Ei não derruba essas palmeiras* vem da Dona Raimunda do Tocantins. Então a gente se juntava e cantava essas músicas.

E quando saiu o projeto pela fundação Banco do Brasil, nós fomos escolhidas para fazer o show no Rio de Janeiro e em Brasília. O primeiro show foi em Brasília, o segundo foi no Rio de Janeiro. Eram vários grupos, cada dia era uma pessoa. Mas nós estávamos lá, mas não podíamos ver as apresentações. Tinha o grupo das ceguinhas, o grupo das lavadeiras, o grupo das catadeiras de alma.

Era loucura, me dava uma frieza na barriga, verdade. Olha que para você se apresentar sem ser uma cantora profissional num teatro com mil e quinhentas ou duas mil pessoas. Você fica entre a cruz e a espada; é ser aplaudido ou pegar vaia. É mole ou quer mais? Dava um medo, um nervoso

olhar para aquele público olhando a gente, tu é doida! Sem você saber se você vai errar, se vai tremer a voz. A gente passa por cada coisa com aqueles trem aqui nos ouvidos. Menina, vou te falar, era ao vivo mesmo! Nós passamos uma semana lá ou quase um mês viajando.

Atualmente, as Encantadeiras, o grupo ainda existe. Por último teve esse bem aqui, o CD. Passamos uma semana em São Luís para selecionar as músicas e gravar o CD. Nessa foto bem aqui é uma menina de Imperatriz, mas essa última não está mais no grupo. Quem ainda está no grupo é essa aqui, a Dora do Maranhão, aqui sou eu de Esperantina, aqui é a Nice da Baixada, essa é a Moça do Maranhão, das bandas do Lago do Junco, essa é a dona Dijé, Silene e Nonata, que também são do Maranhão. A nega Gisa, do Rio de Janeiro, era quem fazia a apresentação. Esse é o Totó, que também acompanhava o grupo, ele tocava pandeiro. Teve uma apresentação que a gente foi em Belém e teve um lugar que não aceitaram ele ir, porque era para ser só mulher. Nós fomos para São Paulo também fazer apresentação. Do Sonora Brasil eu não participei. Nessa época estava doente, estava com a minha bisneta e não tinha com quem deixar ela. Mas as meninas participaram e disseram que foi muito bom. Foi bom esse negócio da gente cantar. Quando terminava e a gente saía, o pessoal ficava com aquela liga comigo: “Oh! dona Francisca, que coisa linda!”. No Rio de Janeiro, no teatro foi tudo maravilhoso. Quando eu sai tinha uma merenda grande para a gente e veio um senhor no meu rumo e disse assim: “Eu posso lhe dar um beijo?”. Eu disse: “Eu posso lhe dar outro?” E eu pensei comigo: mas porque ele não foi escolher as outras meninas do grupo que são mais bonitas do que eu? Eu era a mais velha do grupo.

O nome Encantadeiras foi inventado porque a gente canta as músicas nos lugares e você sabe que quando a gente começa a cantar essas músicas todo mundo ficava animado. Foi aí que ficou chamando as Encantadeiras, que cantam e encantam. Isso ajuda o movimento. Eu digo: “Vocês têm que arrumar um grupo aqui para Esperantina, para quando tiver os eventos. Vocês

só querem que eu vá cantar. Quero que vocês aprendam. Estão com muitos anos no sindicato, no movimento e meninas, que diacho foi que vocês aprenderam? Os anos que estou nessa caminhada junto com vocês, cantando junto com vocês e vocês ainda não aprenderam. E se eu não tiver no meio, vocês não cantam por quê?” Às vezes me chamam, mas eu digo: “Deixa para as novas. Eu já me garanti, mas hoje não me garanto mais muito não” (rsrsrs).





**As Encantadeiras.  
Foto: Livro Canto e Encanto nos babaçuais - MIQCB.**



**As Encantadeiras em Palmas - TO. Foto: SESC Tocantins.**

## O ABRAÇO DO LULA PRESIDENTE

O MIQCB foi receber o prêmio e a Dada não levou nós para lá. Nós fomos fazer uma apresentação e lá nós quebramos coco no palácio, em Brasília. Fizemos uma fila para cantar e a última da fila era eu. Quando eu fui passando, o Lula abriu os braços, eu cheguei e abracei. Passamos uns dez minutos abraçados. Nessa hora um retrato ia bem demais. Foi quando eu conheci ele pessoalmente. Eu conhecia pela televisão. Na apresentação estava a mulher dele. Não queria deixar a gente entrar lá com os machados, os cocos, as coisas. Nesse dia nós quebramos em Brasília, lá onde estava arranjado para a gente fazer a apresentação. Eu disse: “Ou nós entramos com as nossas ferramentas ou nós não vamos apresentar nada, porque nós não somos malucas para tacar o macete na cabeça de ninguém. Nós temos a nossa posição”.

A dona Francisca é uma guerreira. Ela merece lançar o livro dela, pois é uma das defensoras dos babaçuais. Uma liderança guerreira, em tudo você é importante para nós do MIQCB. Parabéns pelo seu livro! Tudo o que eu escuto falar da dona Francisca, tudo o que as companheiras relatam é que ela foi de fundamental importância na formação de lideranças, na coordenação do MIQCB. Mulher guerreira que luta pela defesa dos babaçuais. Parabéns pela sua história construída no MIQCB (**Gislane, Coordenadora do MIQCB da Baixada Maranhense**).

## A ECONOMIA DO BABAÇU

As mulheres estão visando o do capital (fez o sinal de dinheiro com as mãos). Tem algum resultado? Sim, porque hoje elas estão permanecendo no grupo, estão trabalhando e estão recebendo. Todos os meses elas têm o dinheiro delas. Vou dar um exemplo para vocês dos projetos que pagam três, quatro mil reais. Teve mulher que construiu a casa. A casinha dela era uma casinha de palha. Mas todos os meses ela tinha uma entrega de tantos quilos de beiju para merenda escolar e assim ela foi indo. Hoje ela já construiu a casinha dela de telha e essa não fugiu. Agora a gente está tentando melhorar a casa aonde ela trabalha fazendo o beiju, que está no relento, não tem parede, não tem nada. E não pode, porque se a vigilância sanitária ver, vai barrar. Ela vai sair prejudicada e vai prejudicar os outros grupos que estão trabalhando honestamente. Para a gente é uma alegria ter isso. E para as mulheres que não acreditavam que era possível vender assim, hoje já se colocaram no projeto. Não é brincadeira. Tem mulher lá que ela fornece por mês 100 litros de azeite. Não vou chegar lá e dizer: “Tem que dar tantos litros de azeite”. Não é não. É assim: “Quantos litros de azeite você pode entregar tal dia?” Ela vai se virar. Elas estão encontrando dificuldade? Estão! Não tem mais o babaçu como tinha. Antes elas entravam de um lado e saíam do outro para apanhar. Agora, elas fazem é comprar. Para elas não deixar cultura, elas compram e é cinquenta reais uma carroçada de coco. Tem mulher que trabalha entregando azeite, outras é o beiju, biscoito ou macaxeira. O MIQCB também tem uma

associação das quebradeiras e tem a cooperativa das quebradeiras. E para lutar e para fazer produzir. De primeiro, a gente abrangia toda mulher que fazia o projeto. A gente foi vendo que não é assim. Agora só entra para fazer projeto se for sócia da associação ou da cooperativa, porque às vezes estava tomando vaga de uma que era sócia. Agora não, só faz quem é da cooperativa. Quem for do projeto da cooperativa, faz pela cooperativa, se é pela associação, faz pela associação, mas que seja sócia.

As mulheres fazem os projetos e vão todos os meses ou por semana entregar tantos quilos de mesocarpo, tantos litros de azeite, tantos quilos de abóbora, de maxixe, de quiabo, de cheiro verde. Elas fazem o projeto, tem mulher que faz o projeto até de cinco mil reais. Vende para merenda escolar, pois uma boa parte da merenda escolar é da agricultura familiar. Mas isso tudo acontece quando você tem um bom gestor no município. Quando é um mau gestor, as trabalhadoras perdem uma boa parte da produção delas, porque não aceita aquele produto das trabalhadoras para a merenda escolar. O ano retrasado as mulheres perderam bastante, porque era outro gestor e não aceitava. A gente brigou muito, mas não aceitaram. Mas queriam que a gente levasse até o feijão cozinhado lá para o colégio, então perdeu muito devido a isso. Esse ano, a gente imprensou ela (prefeita), uma mulher que foi da luta também. Ela era dos movimentos sociais, começou pelo CEPES. É uma pessoa que ajudou sempre. Hoje é a prefeita lá de Esperantina. Então é assim, nós temos os projetos, tem um projeto nessas comunidades. Tem seis comunidades que tem os projetos de forrageiras. Antigamente era o pilão mesmo. Hoje elas têm a forrageirazinha para moer o coco. Tem um projeto também para beneficiar o mesocarpo. Antes a gente tirava manual mesmo, no meio do tempo, pegando poeira, todas essas coisas. Hoje não, hoje tem a casa própria só do projeto, que tem as mulheres que se juntam num dia só pra trabalhar, tirar o mesocarpo com a touquinha na cabeça, luva na mão e tem a roupa. O coco mesmo vai todo lavado, tem o local de onde lava o coco, tira e já bota num outro depósito para as mulheres trabalharem e tirar

aquela casca toda. Vai para estufa, não seca no sol como a gente secava. É tudo fechado, tudo de vidro e vai para a estufa. Tem a maquinazinha de processar a massa. Então as mulheres estão assim. Não são todas as mulheres que são organizadas. É um grupo que acha que vai dar certo e que está dando certo. Nós sabemos que o coco dá de um tudo, você aproveita ele todo.



**1ª Feira do Babaçu - São João do Arraial.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**



**Feira de Agroecologia em Esperantina.  
Foto: MIQCB Regional Piauí.**

## MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU - MIQCB

Eu faço parte do grupo do MIQCB. Se vocês quiserem perguntar: O que é o MIQCB? O MIQCB é o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, que envolve os quatro estados: Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins. Por que ele surgiu? Ele surgiu por uma necessidade das mulheres, as quebradeiras de coco. Mas tem homem quebrador de coco também. Não vou dizer que não tem, porque tem também. Mas que nessa época da criação tinha homem quebrador que ia trabalhar junto com a mulher para ajudar no sustento da casa para criar os filhos. E a gente era muito explorada, quebrava o coco somente para entregar para o proprietário, o dono da terra. Nós não tínhamos o direito de fazer nada, de tirar sequer um azeite para temperar um feijão, para vender ou para outra coisa. Essa organização começou especialmente no Maranhão e agente junto foi buscando. Hoje esse movimento está espalhado em vários outros lugares. Mas não foi fácil para gente, porque você sabe que aquele que tem, quer mais, mais e mais, até encher a barriga que derrama e depois vai juntar.

E a gente começou essa luta com as mulheres do Maranhão e em Esperantina. Isso lá na década de 1970, com o padre Ladislau, lá de Pedro II. Ele foi pra paróquia de Esperantina e lá ele foi o nosso ponto de partida, foi quem nos ajudou. A luta foi muito pesada, só não morreu gente. Não mataram ninguém das quebradeiras e nem os marido delas, porque os maridos se escondiam e a gente ia para a porta da delegacia e chamavam a gente de

vagabunda. Nós dizíamos: “Então solta meu marido, ele está preso aí, como ele vai trabalhar para me dar o que comer? E assim a gente foi indo, lutando. Teve gente preso, homem que passou de três meses fora de casa. Porque a nossa luta não é só pela terra, a nossa luta é pelo babaçu. Mas dentro daquele meio, o marido da companheira que estava lá, imediatamente foi me entregar para o proprietário. Os próprios companheiros que estavam com a gente entregaram, levaram a cabeça da gente para força. E assim a gente continuou antes do movimento. Não era o MIQCB, era só um movimento, a gente se reunia, a sede era lá em São Luís. Era tipo uma associação, fazia eleição e escolhia aquelas coordenadoras para coordenar as regiões, as comunidades. Depois, a gente pensou: “A gente tem que dar um nome para o movimento”. Foi aí que surgiu o MIQCB, que é o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. No início, nós queríamos só a amêndoa do coco babaçu e ver outras formas da gente aproveitar melhor o babaçu. Uma pena que eu não trouxe para mostrar para vocês, como é que as mulheres trabalham, como é que elas beneficiam o coco. Elas aproveitam tudo. Nós atuamos em quatro estados, que tem gente do MIQCB.



**Dia da Quebradeira de Coco Babaçu em Miguel Alves.  
Foto: Laboratório do PNCSA /UFPI.**



Eu conheço dona Chica Lera desde os primeiros passos dentro do movimento sindical. Ela já foi sócia e diretora do sindicato e também faz parte do MIQCB. Conheço ela de muitos anos, tem mais de 15 anos que eu conheço ela dentro do movimento como mulher e como trabalhadora rural, como quebradeira de coco e também fazendo parte do grupo das Encantadeiras do MIQCB. Ela é uma mulher de muita fibra, de muita garra. Ela ama a luta, é uma pessoa muito especial para o movimento. Essa minha fala é para contribuir com o livro dela, é uma forma de ter escrito a sua história e guardar como lembrança para no futuro. Quando alguém pegar no livro vai ter o conhecimento da luta dela pela sobrevivência das mulheres, contra a violência e para que todas nós sejamos livres (**Ednalva, Coordenadora MIQCB - Regional Tocantins, Bico do Papagaio**).

A dona Francisca é uma guerreira. Ela merece lançar esse livro porque é uma das defensoras dos babaçuais, é uma liderança. Parabéns dona Francisca pelo seu livro. Você merece, pois é uma guerreira em tudo você é importante para nós no MIQCB (**Eunice, MIQCB Regional Imperatriz**).

É um prazer muito grande, meu coração fica transbordando ao saber que vai ser lançado o livro de uma quebradeira com a história de todas as quebradeiras, o livro não é só da dona Chica Lera. É um prazer enorme. Eu conheço dona Chica. Eu sou coordenadora agora, mas a muito tempo eu conheço dona Chica e conheço a história dela. Então, para mim é um prazer muito grande dá apoio neste momento. O meu recado que eu estou deixando é que é um prazer, é uma alegria muito grande (**Maria de Jesus, coordenadora do MIQCB - Regional Mearim**).

A dona Chica Lera significa uma raiz muito importante para o pessoal novo que está entrando e que não conhece bem ela. O que eu conheço dela, é muito importante a companhia dele. Quando andamos juntas, ela sabia de tudo, não tinha medo de viajar, de falar. Não tinha vergonha de cantar, ela fazia todo tipo de pintura. Quando a gente estava com ela é uma animação toda. Ela é espirituosa. Já está bem de idade, mas tem o espírito de gente nova. Para nós a dona Francisca é de muita importância na comunidade pelo o que ela já foi e é pelo que ela está fazendo para o pessoal novo de hoje que está começando (**Antônia, MIQCB Regional Tocantins**).

Eu não conheci ainda pessoalmente, mas conheço de nome. Mas como é raiz que veio do começo do MIQCB, se é raiz tem uma importância grande (**Raimundinha, MIQCB**).

Eu não sou mais coordenadora, mas desde o início quando a gente começou a luta dona Chica Lera foi muito importante na formação da gente tanto como liderança como Encantadeira. Ela é de grande importância na nossa luta pela a defesa do babaçu, dos valores, da formação de lideranças, no combate a devastação dos babaçuais. É muito importante as músicas dela, as propostas que ela apresenta e os depoimentos que ela dar, na venda dos artesanatos, na visita ao movimento nos outros regionais que ela acompanhou. Ela é minha musa. Eu gosto muito da dona Francisca e desejo que ela seja muito feliz com este livro. Ela tem o meu depoimento. A senhora foi de grande importância e continua sendo um espelho para o movimento. Quando a senhora fala, todo mundo ouve, porque a senhora fala com fé, força e esperança (**Maria do Socorro Texeira Lima, MIQCB Tocantins**).

Dona Chica é muito sábia e alegre. No meio de nós ela é uma ótima pessoa que ensina muitas coisas que a gente não sabe. Tem muita coisa que a gente aprendeu com ela (**Teresinha, MIQCB**).

Ela é tudo. Para as coordenadoras e todas as companheiras que conhecem ela, todas comentam que ela é muita alegria. Ela é vista como uma raiz, ela pertence a todos e a todas. Ela é sabedoria, é companheirismo e por todos os passos (**Rosalice, MIQCB Regional Pará**).

Falar de dona Chica Lera é falar da essência de ternura e fortaleza que representa as quebradeiras e as populações tradicionais. Ela é uma figura humana que mais parece uma boneca, que canta e encanta com a sua voz. Os seus cantos entoam a luta e a resistência. Eu sou feliz por ter a oportunidade de conhecer e conviver com ela (**Ariane, Assessoria MIQCB**).

Eu avalio de uma forma positiva a atuação de dona Chica. Ela é tida como uma raiz, como ela é uma raiz, ela também é o fruto, ela é o babaçu, é uma mãe palmeira, é uma das mães palmeira do movimento. O Movimento de Quebradeira de Coco Babaçu é o maior movimento de mulheres da América Latina e uma das pessoas que contribuir para fortalecer esse movimento foi a Chica Lera do Piauí (**Edsonete, Assessora do MIQCB**).

## NA UNIVERSIDADE: "EU ESTOU AQUI PARA MOSTRAR A MINHA SABEDORIA"

Eu estava vindo para cá, cheguei na rodoviária e peguei um táxi para vir para esta atividade. Quando eu entrei no carro, o taxista perguntou para onde eu ia e eu disse: “Para a Universidade Federal do Piauí”. Ele me olhou, eu vi que ele olhou para a minha roupa, me olhou dos pés a cabeça, olhou os meus cabelos brancos e perguntou: “Para onde a senhora vai?”. Eu disse: “Para a Universidade Federal”. Ele ficou admirado e falou: “A senhora tem certeza? A senhora vai para a universidade?”. Eu disse para ele andar logo que eu não queria atrasar para o meu compromisso. Ele admirado falou: “E o que a senhora vai fazer na universidade? Eu já estava perdendo a paciência. “Eu vou dar uma palestra”. Ele ficou espantado. “A senhora vai dar uma palestra na universidade?”. E para encerrar a história, eu disse já agoniada: “Sim! Eu vou dar uma palestra e vamos logo que eu não posso me atrasar, o pessoal já está lá me esperando”. Minha gente eu acho que ele não acreditou. Me olhou todinha e olhou a minha roupa, olhou os meus cabelos brancos. Deve ter pensado: O que que essa velha vai fazer na universidade? Vai dá palestra para quem? Vai dar palestra nada! Ele não disse, mas eu acho que ele não acreditou, deve ter achado que eu era uma velha doida ou que estava inventando. Mas eu estou aqui, estou aqui para falar para vocês do meu conhecimento. Eu quase não estudei, por isso é difícil para muita gente acreditar que eu vim aqui falar para vocês que é tudo gente estudada. Mas eu vim,

vocês me chamaram e **eu estou aqui para mostrar a minha sabedoria**, falar do meu conhecimento do babaçu.

Então para mim é uma alegria estar com vocês hoje aqui na universidade, tantos alunos e alunas. Quero dizer que a vocês todos que eu me sinto honrada, porque eu não tive essa oportunidade que vocês tão tendo. Na minha época, eu não pude estudar, porque era mulher. Eu fico feliz de ver filho e filha de extrativista hoje na universidade. Isso foi uma luta muito grande da gente, não só eu Francisca, mas de mulheres e de homens também, do mundo inteiro, especialmente as mulheres que estão lutando para fazer os filhos chegarem também a um patamar desses. Como os filhos dos ricos tinham o direito de estudar na universidade, nós queríamos que o nossos filhos, as nossas filhas chegassem a esse ponto também. Verdade? É uma coisa que é dita e é verdade. Hoje só não estuda quem não quer. Tem colégio para todo lado, só não estuda, só não aprende quem não quer mesmo. Era difícil na minha época, eu só fiz até o terceiro ano. Mas também não tenho inveja de quem tem um diploma na mão. **O meu diploma está na cabeça.**

Na universidade, em Bom Jesus, que beleza! Eu disse: “Aproveitem essa oportunidade que o pai e a mãe de vocês deram a vocês”.



**Encontro Nacional da Cartografia Social do Brasil, 25 a 27 de setembro de 2017, na UNEB, Juazeiro (BA).  
Foto: Laboratório PNCSA/UFPI.**



**Cri, Carmen, Arydimar, Cacique Francisca Kariri e Chica Lera.  
Encontro Nacional da Cartografia Social do Brasil, 25 a 27 de setembro de 2017, na UNEB, Juazeiro (BA).  
Foto: Laboratório PNCSA/UFPI.**

## NÃO TEMOS QUE DEIXAR A NOSSA TRADIÇÃO

Hoje não tem mais aquelas comidas de antigamente: botar um feijão para cozinhar e comer com farinha e leite de coco. Dizem logo para gente: “Nós estamos é no século XXI”. Que história de século XXI minha gente? Não temos que deixar a nossa tradição. Isso é que é comunidade tradicional. Comunidade tradicional é aquela que vive sua tradição, que não deixa a tradição morrer; que não se esquece de fazer as trempezinhas, botar os paus debaixo, fazer sua comida e de pisar umas coisas no pilão. Não jogar suas lamparinas no mato porque foi o que iluminava a terra. Essa que é a comunidade tradicional que vive sua tradição. Vive as tradições que tínhamos das benzedadeiras, das rezadeiras, de pai de santo. Eu até falei e um homem lá de Batalha disse: “Aí tia, eu gostei!” Porque eu falo em comunidade tradicional e explico qual é o sentido da comunidade tradicional. O sentido é esse que estou te falando: é você não deixar sua tradição morrer. Eu tenho um pote como enfeite, né. Mas não tenho mais pote enganchado naquela forquilha, que a gente tirava e botava ele ali. Quando chegou energia para nós, muitas mulheres pegaram a lamparina e jogaram no mato. Eu deixei as minhas lamparinas. Quando eu dei fé, a primeira que jogou chegou lá me casa: “Oh! Comadre, você não tem uma lamparina aí não?”. Respondi: “Tenho minha comadre, não joguei minhas lamparinas no mato não, que essa claridade é danada para enganar a gente”. Se uma hora esse diabo falta, eu vou ficar no escuro sem saber onde eu vou bater. Tenho minha lamparina e meu querosene.

Todo mês eu compro. Eu gosto de comer um feijão com farinha com cuscuz. Meus meninos brigam. “Vão pra lá, me larguem de mão”. A tradição é essa: você não deixar aquilo morrer e vamos para frente.

Então tem que voltar os nossos remédios caseiros, que era a nossa cultura. Ninguém tem mais um pilãozinho para gente pisar arroz e coco, né? Então, isso tudo as comunidades tradicionais tem que ter. Tem que perguntar como que era antes, como que você torrava o coco, como é que você fazia isso. E nós ficamos preguiçosas, que hoje o arroz já vem preparado no pacote lá do comércio.

Às vezes eu fico imaginando assim, hoje, se Deus me livre, se desse uma seca como antes, que seca não é de agora, é de dentro do meu entendimento que eu já tenho visto seca de você não criar legume. Se acontecer hoje, vai morrer muita gente de fome, especialmente no interior. Naquela época você era dona daquela propriedade, mas todos os anos fazia grandes roças, pegava aquele legume e ia armazenando, guardando. Você tinha seu paiol de milho, cheio de milho. Você tinha seu paiol cheio de feijão, de arroz, da farinha, porque se viesse a crise, tinha coisa para suprir as pessoas. Não tinham o dinheiro, mas ia trabalhar. Você trazia o arroz, o feijão, a farinha. E hoje você não tem. Porque as pessoas hoje não são mais aquelas pessoas de trabalhar para armazenar. Colheu, vendeu, está entendendo? Se vir uma seca, vai morrer todo mundo, porque tudo é no mercado. Olha a diferença. Como eu te falei, a minha mãe, na casa dela tinha um paiol de arroz, de farinha e de feijão, mas só ela trabalhando. Ela fazia o pedacinho de roça dela também e quebrava o coco. Hoje qual é a mulher que tem?

Se vocês observarem as comunidades tradicionais, é uma tradição que está se acabando. A nossa tradição de fazer um remédio caseiro está acabando. Não tem mais uma benzedeira, um benzedor. Mas tudo isso tem que descobrir, porque a história dessas pessoas tem que ser contada. **A minha história tem que ser contada, a tua história tem que ser contada; se ninguém contar, outra pessoa não vai saber.** Tudo isso está se acabando.



A parteira não existe mais. Aquelas brincadeiras que as crianças brincavam... hoje, qual é a brincadeira das crianças? É na televisão, aprendendo tudo que é bom e tudo que é ruim. Muitos jovens estão ficando perdidos devido as coisa que veem na televisão e no celular. Agora, é um tal de zap zap que vem lá, vai cá (risos). Então é isso, nós somos os culpados, pai e mãe são os culpados. Uma criança de cinco anos, vai lá e entrega o celular para ela. Não faça isso, vá educar com outra coisa. Faça isso não!



**Dia da Quebradeira de Coco Babaçu, em Esperantina - PI.  
Foto: Laboratório do PNCSA/UFPI.**

## A PARCERIA COM O PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

Esse projeto da Nova Cartografia foi uma coisa maravilhosa, foi onde a gente do MIQCB foi tomar pé de saber como era muita coisa. Tinha umas coisas que a gente não tinha consciência que existia. Através da cartografia tomamos novos rumos e novos passos. Foi aí que descobrimos onde tem as quebradeiras e onde têm os babaçuais. É assim, muita gente dizia que em um lugar como Bom Jesus (sul do Piauí) não tinha babaçu e através da cartografia foi descoberto que lá também tem babaçu. Em vários lugares tem babaçu, isso foi maravilhoso para nós e para eu conhecer.

Eu conheci o professor Alfredo em São Luís, faz muito tempo, no começo do movimento. Isso foi assim que o movimento surgiu e a gente fazia aqueles encontros para planejar. Ele sempre estava lá e a gente se encontrava. Nesse tempo, ia ele e outra professora. Eu lembro que as meninas já tinham conhecimento com ele: a dona Dijé e a dona Raimunda do Tocantins. Foi aí que a gente começou essa amizade. Depois encontrei ele também em Belém, quando ele estava em um encontro, teve também um encontro em Juazeiro da Bahia. Ele dá muita força e coragem para o movimento. No fascículo das quebradeiras em Esperantina eu não estava.

Outra coisa: é importante fazer essas pesquisas junto com a gente e depois vir mostrar o resultado do trabalho que vocês fazem, o resultado da entrevista que fazem com a gente. Eu agradeço.

E fazer o mapa também é bom, pois a gente passa a ter consciência de onde tem tudo. Isso é muito importante. É como diz a história: o mapa é um guia para a gente. Os mapas conseguem ajudar a gente, com ele temos uma luz nas mãos, luz para nos guiar onde está escuro. Os mapas são os nossos guias. Hoje eu estou aqui, mas amanhã eu posso não estar. Então tem que ter esses guias para mostrar esse momento.

Foi muito bom apresentar o mapa para as autoridades. Às vezes as pessoas não tem conhecimento das situações e das pessoas que lutaram. Nós é que trabalhamos para o Brasil, certo? A gente é quem trabalhou e trabalha, é preciso que eles reconheçam. É um direito de todo trabalhador e trabalhadora contar a sua história.

Quero falar da minha satisfação como mulher, companheira e amiga de saber que a história de Chica Lera vai ser escrita em um livro. Uma história que é sua, da sua família e do movimento social, que abrange a sua participação e a luta para o desenvolvimento, bem estar e qualidade de vida no seu território. Suas palavras de resistência não são apenas para o Piauí, mas também para os povos do Maranhão, Pará e Tocantins. Essa luta em que nós estamos inseridas é mais do que legítima, é real e honesta da nossa parte. Em alguma biblioteca nesse Brasil vai ficar a sua história escrita para sua família ter como comprovar um trabalho que você fez na sua comunidade, começando na Igreja, no sindicato e como mulher que foi coordenadora do MIQCB. Uma pessoa que não desiste de buscar os benefícios das políticas públicas para o povo mais oprimido, para as mulheres e a juventude.

O lançamento dos livros de todas as companheiras que já foram escritos: da Nice de Penalva, da Socorro de Tocantins e da Cledineusa, são histórias com fatos reais, que tem relevância social e que evidencia o envolvimento de grandes intelectuais como Alfredo Wagner, Cinthya, Jurandir, Helciane e todos os/as pesquisadores/as que tem um olhar político diferenciado na sociedade. Por meio desse olhar é que veem o babaçu como fonte de vida dentro dos territórios onde nós começamos a nossa história de luta e resistência.

Destaco a importância da atuação dos membros do Projeto Nova Cartografia Social na publicação da história de vida de mulheres que estiveram e estão à frente da preservação ambiental, da luta pelo território e pelo acesso aos babaçuais e políticas públicas. Esses livros trazem muitos benefícios. Um dia, no futuro, na sala de aula eles vão provar que nós existimos. Através deles vão olhar que nós nascemos, nos criamos, casamos e tivemos nossos filhos sem sair do nosso território. Enfrentamos muitos desafios devido ao poder do latifúndio e a polícia dos Estados agindo como segurança para a grande propriedade privada.

Nós estamos à frente de um projeto político de defesa do território para trabalhar, viver e morar. Esses livros trazem essas histórias de vida de pessoas humildes. É essa humildade que pode transformar as famílias e o Brasil.

Minha gratidão a todas as pessoas que se dispõem a colocar no papel as histórias das vidas dessas mulheres. Parabéns dona Chica Lera pelo seu empenho e dedicação ao movimento. Vamos em frente, continuaremos fazendo história. Obrigada! (**Maria Alaídes de Sousa, Coordenadora Geral do MIQCB**).



**Seminário Cartografia de Conflitos Socioambientais  
realizado na UFPI.**

**Foto: Laboratório PNCSA/UFPI.**

